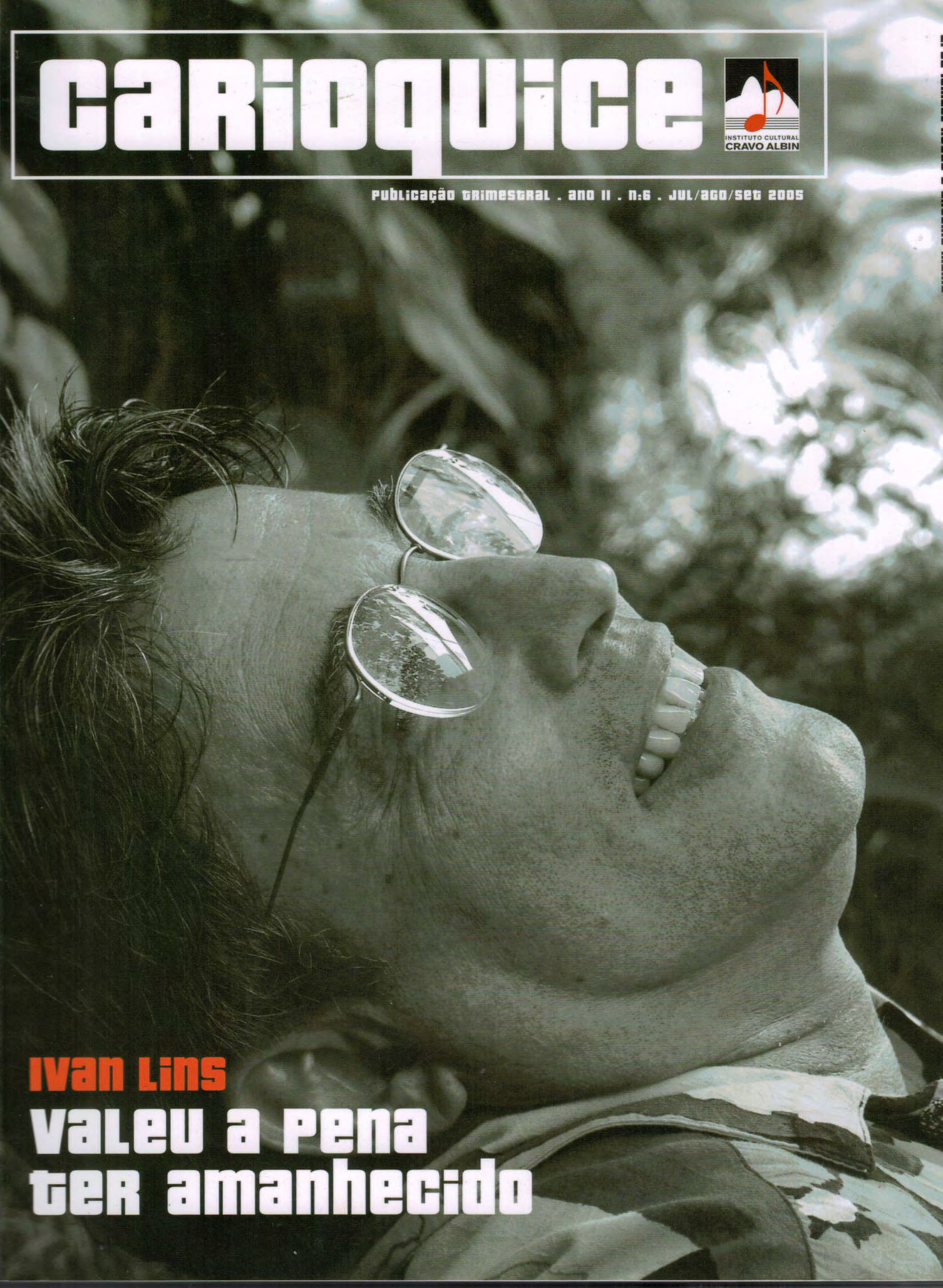
CARIOQUICE

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO II . N:6 . JUL/AGO/SET 2005



IVAN LINS

VALEU A PENA TER AMANHECIDO

Débito Automático. Faça e esqueça os pagamentos por completo.

Ricardo Souza de Oliveira, aluno da Fundação Bradesco.

Não se preocupe mais com suas contas que o Bradesco paga todas em dia, sem tarifa. Agende seus pagamentos pelo Internet Banking ou Fone Fácil Bradesco.

Bradescompleto

Brades

Para ajudar sua vida a ser mais completa.

www.bradesco

Esquina do Ricardo

Rio: Praças e boas-praças

Mortos ilustres são, em geral, homenageados com o espalhafato de barrocas citações ou de atos grandiloqüentes. Sempre pouco convincentes, até soturnos. Isso quando seus honrados nomes não são pespegados, a torto e à direita, em placas de ruas e avenidas. Que, por sinal, muitas vezes apeiam do pedestal outros nomes que terão sido também ilustres em seu tempo.

O escritor Antônio Callado, por exemplo, nos deixou em 1997 e até hoje todos nós, seus muitos amigos e admiradores, esperamos a homenagem final ao cidadão tão destacado, ao ideólogo das causas mais generosas, ao cavalheiro mais exato, tanto no trato das letras quanto nos entrechoques da convivência social, hoje em dia cada vez mais áspera.

Callado morava na rua Aperana, ao finalzinho do Leblon. Quando descia a caminho do mar, na esquina da rua Gabriel Moufarrej com Visconde de Albuquerque, o escritor passava por uma pequena área, ainda vazia, a única naquele cipoal de edifícios. Comentava com a mulher, Ana Arruda, que o espaço deveria ser transformado em área comum, uma pracinha talvez. Um certo alívio, uma possível flor, no emparedamento de tantos prédios altos amontoados.

Neste exato lugar o então prefeito Luiz Paulo Conde inaugurou uma pracinha que porta o nome do escritor. Mas a homenagem da cidade só se fará completa quando se instalar ali um mural, um extraordinário trabalho criado pelo pintor Glauco Rodrigues no mesmo ano em que Callado morreu.

O mural só poderá ser instalado na Praça Escritor Antônio Callado se conseguirmos fundos que paguem a confecção do trabalho em azulejos, já que o principal, a pintura de Glauco Rodrigues, foi um presente do pranteado artista à cidade e, é claro, à memória do escritor. Aliás, Glauco também está a merecer homenagem desta cidade onde viveu e fez sua obra monumental de pintor.

O preito a Antônio Callado faz desfiar duas reflexões. A primeira é a sobriedade da homenagem a um cidadão que sempre foi elegante na literatura, nas idéias e no convívio. Ou seja, uma praça discreta, distante dos alardes e da algaravia das chamadas "grandes obras". A segunda reflexão tem a ver com a própria cidade, que deve receber esses gentis acarinhamentos por parte do poder público.

Acode-me lembrar agora de um dos desabafos do poeta Byron, cujo refinamento exigia ser enterrado no menor cemitério da cidade onde morresse, para ser homenageado por poucos visitantes. E pelo sepulcral silêncio apenas cortado por alguma cotovia desavisada...

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 6 JUL/AGO/SET 2005

É som, é sal, é mar

4 Ô Má, ô Madá, ô Madalê...

12 Batuta diferente

16 Museu de grandes novidades

Magia do olhar

20 Santuários urbanos

Saga carioca

28 Na zona do agrião, por Raul Milliet Filho

36 Porta-retrato literário

Do bem comer e melhor beber

42 Capital dos quitutes & acepipes

Cidade maravilhosa

48 Tá com medo, tabaréu?

58 Festa de bamba

Causos & letras

66 Adoráveis vagabundos

74 E o show nunca mais parou, por William de Souza Nunes Martins

80 Petiscos da Vila, por Lili Rose

Sessão poeira

88 O sol nas telas de cinema

Embaixadora do Rio

92 Carioquice é um estado de espírito, por Maria Silvia Bastos Marques

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITOR GERAL
Sérgio Costa

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento

ARTE
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Marcus Neves

CAPA
Foto de Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71/14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Funchal, 513 / conj. 32 · Vila Olímpia · SP ·
Cep 045551-060 · Tel/Fax: (11) 3848.6544
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)

Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

O QUE ELE VAI SER QUANDO EU CRESCER?

1 OM A FOME IA

2 EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE PARA TODOS

3 IGUALDADE ENTRE SEXOS E VALORIZAÇÃO DA MULHER

4 REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL

5 MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES

6 COMBATER A AIDS, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS

7 QUALIDADE DE VIDA E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

8 TODO MUNDO TRABALHANDO PELO DESENVOLVIMENTO

8 JEITOS DE MUDAR O MUNDO

NÓS PODEMOS

Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade

www.nospodemos.org.br

po Pão de Açúcar tem orgulho de participar e divulgar as 8 Metas senvolvimento do Milênio, um pacto formado pela ONU países. Como empresa cidadã, faz questão de ajudar a difundir ortância dessas Metas, estimulando a conscientização rticipação de todos. Isso faz parte da nossa responsabilidade e do nosso orgulho de ser brasileiro.

Apoio Institucional:

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL

UNDP

GRUPO PÃO DE AÇÚCAR
Orgulho de ser brasileiro.

Ô má, ô madá, ô madalê...

por **Vera de Souza**

Um novo tempo! Apesar dos pesares, perigos e desatinos, a voz sorridente de Ivan Lins – e olha que são poucas as vozes que inspiram um sorriso – é promessa de acalanto e de que estamos na briga. Ivan vai cantar o Rio em um CD voltado exclusivamente para os encantos da cidade, com direito a parceiros de luxo como Chico Buarque. Carioquice e seus leitores aquardam ansiosamente os acordes maviosos tingidos de poesia. "Pra nos socorrer, pra nos socorrer..."

A família morava na Tijuca, na rua Garibaldi, quando Ivan veio ao mundo, Guimarães por parte de D. Léa e Lins por conta de Seu Geraldo, há exatos 60 anos. Mas com dois anos de idade, mudança para os Estados Unidos. Resultado: as recordações mais fortes da infância começam, mesmo, a partir dos cinco anos, em uma bela chácara no Andaraí.

"Voltei para morar com meu avô, na rua Leopoldo. A chácara tinha uma casa belíssima, toda portuguesa, com ladrilhos, uma varanda linda, um quintal enorme. Depois ela foi abaixo e fizeram ali um ponto de ônibus. Na minha época tinha bonde!" (risos).

As memórias brasileiras foram quase todas vividas na Zona Norte, entre o Andaraí e a Tijuca, até 1970. "Neste ano tirei o segundo lugar no Quinto Festival Internacional da Canção, e com o dinheiro comprei meu primeiro carro, um Karmann Ghia. E fui para a Zona Sul, morar em um quarto e sala alugado em Ipanema."

A música sempre teve um efeito paralisante para o ainda menino Ivan. Era um fanático ouvinte de rádio, que ficava horas ao lado de um aparelho... Nos Estados Unidos, gostava das músicas de Walt Disney e de Stephen Foster (autor, entre outros, de "Oh, Susana"). "Minha mãe ficava impressionada, e até usava a música para me acalmar... Eu era muito agitado, muito ativo, curioso."

"Meu pai, oficial da Marinha, sempre que chegava a época em que eu tinha de estudar para passar de ano, me levava para o Arsenal de Marinha e dizia: 'Se você fizer todos os deveres poderá ir ao setor de maquetes'. Eu era maluco por barcos, e lá tinha artesãos maravilhosos, que faziam maquetes de cruzadores, destroieres, veleiros! Acabaram me ensinando também... Então, eu estudava desesperadamente para acabar rápido..."

Outra atração era pela química. "Eu gostava de misturar coisas. Quando tinha uns onze anos, achava que os gatos lá de casa estavam muito magros e quis fazer uma vitamina para eles. Achei uns líquidos, misturei com leite e dei para os bichos. No dia seguinte apareceram uns cinco gatos mortos. Até o da vizinha! Foi uma confusão!" (risos) E, quem diria, acabou se formando mesmo em química, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. "Mas não exerci, graças a Deus. Nada contra a química, mas optei pela música. Não era meu caminho, ainda mais porque eu estava fadado a ser um químico fracassado..."

Quando chega a adolescência, pausa pra o Colégio Militar. Um primo, que já era matriculado, o leva para a banda do colégio.

"Fui até estudar trompete. Não deu certo, mas a sonoridade da banda me transformou, com doze, treze anos, em fã das *big bands*. Meu pai ia muito aos Estados Unidos, e eu sempre pedia que ele trouxesse os discos das bandas americanas. Primeiro comecei com aquelas bandas mais marciais, como Felipe de Souza, que vinha com os dobrados. Dali fui passando para jazz, com Glenn Miller, Stan Kenton, Duke Ellington. Fui subindo para Roy Hamilton, Bill Mason. Me apaixonei pelas orquestrações e depois virei fã do Frank Sinatra e de Nat King Cole. Eu imitava o Sinatra todo dia, no banheiro, na sala. Não sei como minha mãe agüentou!" (riem)

Mas o empurrão final para música viria aos 18 anos de idade, e por causa de um dos maiores ícones da Bossa Nova.

"Minha vida foi assim até assistir Luiz Eça tocando num programa de televisão. Resolvi aprender piano de qualquer jeito. Não gostava antes porque minhas irmãs estudavam e achava as escalas simplesmente horrorosas! Meus pais tocavam piano lendo partitura, mas coisas muito simples. Meu pai, alguns tangos e minha mãe, entre outras coisas, 'Claire de lune', o que me levou aos impressionistas, como Debussy e Ravel. Mas comecei mesmo a aprender de ouvido, com os discos do Tamba Trio. Dois anos depois formei um trio com um vizinho que tocava bate-

Ivan em 3 tempos: na infância com os pais e irmãos, com 6 anos e na adolescência

ria e outro que tocava violão, mas depois alugamos um contrabaixo. Começamos a tocar em shows de Bossa Nova em colégios da Tijuca."

Por colégios leia-se Instituto de Educação, Instituto Lafayette, Escola Técnica. Ivan diverte-se ao lembrar o comportamento da juventude da época, que fazia questão de imitar movimentos de shows como "Opinião" e "O fino da bossa". "Os violonistas imitavam o Baden Powell; as cantoras, a Elis, a Nara e a Bethânia. Todo violonista tocava 'O Astronauta!'. E as platéias, claro, imitavam a do Fino da Bossa!" (risos)

Em 1968, participa do Primeiro Festival Universitário como letrista, apesar de ser compositor. Um colega de faculdade, Waldemar Correa, é quem tinha feito a música de "Até o amanhecer", defendida por Ciro Monteiro e obteve o quinto lugar. Na época, Ivan passou a se reunir com outros compositores universitários na rua Jaceguai, 27, na Tijuca.

Era a casa do médico psiquiatra Aluízio Porto Carreiro de Miranda, que fora instrumentista no Cassino da Urca e na Rádio Mayrink Veiga.

"Me apaixonei pelas orquestrações e depois virei fã do Frank Sinatra e de Nat King Cole. Eu imitava o Sinatra todo dia, no banheiro, na sala. Não sei como minha mãe agüentou!"

Conhece Aldir Blanc, César Costa Filho e Ronaldo Monteiro de Souza, que viria a se tornar seu primeiro grande parceiro. No local iria germinar o Movimento Artístico Universitário, o M.A.U., criado em 1970, e de onde sairiam nomes também como Gonzaguinha.

"Depois do Terceiro Festival Universitário, percebemos que a TV Tupi, que era a promotora, não dava continuidade. Ainda continuávamos desconhecidos. Resolvemos nos juntar e fazer um movimento para ir para os palcos, fazer shows na cidade, chamar atenção e dizer: 'têm compositores novos produzindo!'. A Globo se interessou, e me contratou para comandar, junto com a Elis, o 'Som Livre Exportação', em janeiro de 1971. Foi aí que tudo realmente começou."

Na verdade, com Ivan Lins a fama já tinha começado a chegar um pouco antes, em 1970, quando Elis gravou "Madalena", com estrondoso sucesso. Logo depois vieram as finais do Quinto Festival Internacional da Canção, o FIC. Com "O amor é o meu país", conquistou o segundo lugar e ficou conhecido nacionalmente. Mas a música acabou trazendo um certo desconforto.

"Foi por causa de um verso, o último, exatamente usando uma palavra que meses antes o governo militar havia se apossado, quando o Brasil foi tricampeão mundial de futebol. Começaram a parecer os tais slogans usando a palavra 'país' que, digamos, ficou meio queimada entre a *inteligentsia* brasileira, e encarada como algo de uso particular do Estado. Mas minha música tinha sido classificada antes da Copa do Mundo. Um jornalista que escrevia no Jornal do Brasil fez um comentário sobre as trinta classificadas e elogiou minha música. Mas terminado o festival, e escrevendo para o Pasquim, me deu um cacete monumental! Tinha vergonha de elogiar, senão ficava mal com os outros. O Aldir, coitado, se descabelava me defendendo. A Elis

"Já fui boêmio mesmo! Freqüentei muito os bares do Leblon. O Luna, o Baixo Leblon... E quando eu ia para o centro da cidade, onde estavam todas as gravadoras, os lugares eram o Amarelinho, o Paisano, o Bar Academia"

colocou duas páginas num jornal alternativo, me apoiando dizendo do absurdo que estavam fazendo comigo. Para completar, eu era cumprimentado por generais na rua, 'por escrever músicas de cunho patriótico!' (risos) Não podia dar um pau no cara... Senão, na mesma hora me levavam para o Dops, sumia. Tinha que engolir seco!"

Para Ivan, os festivais sempre foram uma grande motivação para que os compositores desenvolvessem sua música, a vitrine onde colocavam e podiam aferir a qualidade, a receptividade das canções. Um fracasso levava um compositor em potencial a aparecer, no ano seguinte, com verdadeiras maravilhas. O festival, argumenta, tinha essa coisa mágica, esse dom de ir lapidando os compositores e ir melhorando a música brasileira.

"Hoje é que os veículos que exibem os festivais mudaram muito. O comportamento de quem assiste a televisão também é muito diferente daquela época. As pessoas sentam de uma outra forma em frente à televisão, com expectativas diversas. Naquela época havia uma avidez muito grande exatamente por não haver excesso de música. Hoje se produz muita música, não dá para se ouvir tudo. Não se consegue consumir tudo que se coloca no mercado. É humanamente impossível! Naquela época, não. Era tudo muito espaçado. As coisas aconteciam, um compositor lançava uma música, havia uma grande expectati-

va pelo que ia produzir no ano seguinte. Havia um tempo de consumo, de degustação. Podia-se degustar, entender, consumir, gostar. E esperar! Vem o próximo, mais um! Agora é uma enxurrada! Não dá. E é muito complicado sentar em frente à televisão para ouvir doze músicas inéditas."

E a boemia?

"Já fui boêmio mesmo! Freqüentei muito os bares do Leblon. O Luna, o Baixo Leblon... Convivia muito com outros músicos. Sueli Costa, Vitor Martins, que morava no Rio e depois foi para São Paulo, Paulinho Albuquerque, Alceu Valença. Esbarrava muitas vezes com o Chico... Gil e Caetano não, mas Edu Lobo, Dori, quando ele ainda morava por aqui. Paulinho da Viola, Paulo César Pinheiro, Clara Nunes, que nessa época era casada com o Paulinho Pinheiro. E quando eu ia para o centro da cidade, onde estavam todas as gravadoras, os lugares eram o Amarelinho, o Paisano, o Bar Academia. Na época da Sombrás, em 1975, o escritório era no Museu de Arte Moderna, e nós conspirávamos muito no Academia. A Sombrás era um grupo de compositores brasileiros que se juntaram contra a ditadura do direito autoral. Foi por meio da nossa luta que se criou o Ecad. Pelo menos melhorou alguma coisa, modernizou a arrecadação do direito autoral. Fizemos uma série de shows no Casagrande, com quase todo mundo: Chico, Gil, Caetano, minha geração toda, eu, João Bosco, Gonzaguinha. E muitos de nós fazíamos parte da Sombrás, que funcionava... Sérgio Ricardo, Hermínio Belo de Carvalho, Aldir Blanc, Gutemberg e Guarabira. Nossa!"

A carreira decolando, shows, desafios. "A primeira vez que fiz show no Canecão, foi um trabalho tremendo. Era um espetáculo que tinha feito em São Paulo, em teatro, 'Depois dos temporais'. Só sabia fazer teatro, nunca tinha pisado numa casa daquele tipo na minha vida. Isso em 1983! Ganhava-se dinheiro sem patrocínio, apenas com a bilheteria. Hoje a produção é muito cara não se consegue pagar o show só com o ingresso. O Rio mudou muito. Naquela época ainda havia teatros suficientes para as peças, e ainda sobrava teatro para se fazer música. Hoje, acabou. Eram shows memoráveis, de lotar a casa. Em 1978, no meu show 'Nos dias de hoje', no Casagrande, a Elis começou a chorar convulsivamente na quarta fila, eu tocando e agoniado."

A carreira internacional começou a decolar, graças ao apoio de um dos músicos brasileiros de maior sucesso no mercado norte-americano.

"Devo isto ao Paulinho da Costa, um percussionista hoje radicado nos Estados Unidos. Nos conhecemos no Number One com o Dom Salvador e Abolição. Ele foi para os EUA com o Sérgio Mendes, depois se desligou e ficou por lá, como um dos mais bem sucedidos percussionistas no país. Tem em casa discos de platina dos mais importantes discos gravados na década de 80 nos Estados Unidos: Michael Jackson, Prince,

George Benson, o diabo! E é um carioca hiper bem sucedido! Já radicado lá fora, ele esteve em um de meus shows, no Tereza Raquel, em 1979, e ficou emocionado. Foi ao camarim falar comigo e perguntou se eu tinha um disco para lhe dar. Entreguei os que possuía. De volta, foi à casa do Quincy Jones e disse: 'Escuta!' O Quincy se apaixonou, ligou na frente dele para mim, me chamando para ir aos Estados Unidos conversar. Ele estava totalmente apaixonado pelas minhas músicas. E começou a mostrá-la para outros artistas americanos. E com o aval dele, minhas músicas foram gravadas por Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, George Benson... Até hoje as músicas são muito gravadas lá. Principalmente as que foram avalizadas por ele, umas vinte."

O Japão veio quase que imediatamente, uma ligação mais intima. A Europa veio bem depois. "Normalmente, começa-se por Portugal, Espanha, vai subindo. Chega à França, Itália, e vai subindo. Foi mais ou menos nessa ordem mesmo".

A internacionalização de seu trabalho rendeu várias indicações ao Grammy — a mais recente exatamente agora, ao Grammy Latino, por conta do álbum "Contando histórias" —, e a consagração em 2001, quando recebeu o prêmio. No ano anterior, já havia sido homenageado por músicos brasileiros e americanos no Carnegie Hall, em Nova York. Mais recentemente suas músicas foram gravadas por Sting e Jane Monheit, entre outros. É o artista brasileiro mais gravado no exterior.

Em 1991, com a experiência de ter vencido nos mercados nacional e estrangeiro, montou com o parceiro Vitor Martins a gravadora Velas. A idéia era abrir espaço para a música brasileira de alta qualidade que não encontrava espaço nas multinacionais. "Foi a oportunidade de poder lançar o primeiro disco-solo de Guinga, que conhecia há muitos anos das rodas de violão na casa de Porto Carreiro", conta Ivan.

E para a alegria geral da nação, está saindo do forno um novo disco de Ivan Lins, o trigésimo quinto da carreira. Só com músicas inéditas, parcerias de peso e, para completar, onde a carioquice está intensa.

"Apesar de ser carioca, de compor sambas, sou filho da Bossa Nova, da época do Tamba Trio, de Tom Jobim. Depois, minha música abriu um leque das influências do Nordeste e de outras regiões do Brasil. E se internacionalizou por inspiração de músicas americanas, européias e até turcas. Meu trabalho sempre foi muito eclético, mas a partir de 1992, principalmente, é o marco do retorno às minhas origens. Fui morar em Los Angeles, onde bateu a saudade do meu Rio de Janeiro. Foi uma visão da minha cidade de longe, à distância. Vi o quanto ela me fazia falta. Fui para ficar dois anos, fiquei oito meses e voltei correndo. Voltei para a Lagoa, meu bairro até hoje. No lado do Jardim Botânico, o que gosto mais. Minha música toda começou a se voltar para minha cidade. Toda aquela influência dos anos 60, da Bossa Nova, do samba, começou a se

“Tenho paixão pelas árvores da Lagoa. As minhas prediletas, as que eu abraço sempre que passeio por lá, são um flamboyant, uma casuarina, uma amendoeira...”

incorporar de novo. Basicamente, minha música hoje é toda carioca, bem carioca.”

Além do parceiro de 30 anos, Vitor Martins, as músicas foram compostas com Aldir Blanc, Abel Silva, Paulo César Pinheiro, Celso Viáfora, Salgado Maranhão. Ah, sim, tem o Chico Buarque, com quem iniciou trabalho esse ano, compondo “Renata Maria”. Não terminou: ainda vem Martinho da Vila, Nei Lopes, Luiz Carlos da Vila e Cláudio Jorge. “Só não tenho ainda previsão de lançamento, porque é um disco que estou fazendo por minha própria conta.”

E a carioquice que marca o futuro disco nada mais é do que uma declaração de amor à cidade. “O Rio de Janeiro é uma cidade incomparável. Viajei o mundo todo e realmente aqui é um desbunde, e hoje só lamento a violência. Nasci aqui, saí ocasionalmente pela família. Mas por opção, nunca! Saí uma vez para morar em Los Angeles, em 1992. Fiquei oito meses e voltei para o Rio de Janeiro. Quando morava lá, fiz uma coletânea chamada ‘Saudades do Rio de Janeiro’, canções todas bossanovistas. Todas inspiradas em Antônio Carlos Jobim. Eu sentia falta do espírito do carioca, da cidade, da relação com as pessoas, da esquina, do bar, encontrar as pessoas na rua, poder ligar, saber que estão perto. Sentia falta dos amigos, das pessoas que gosto... e até das que eu não gosto.”

O Rio leva a uma outra paixão. Ao alcance de todos os cariocas e visitantes. Mas nem sempre declarada com tantas letras ou gestos...

“Tenho paixão pelas árvores da Lagoa e tenho muita vontade de fazer um trabalho sobre elas. É um projeto, por exemplo, de convidar o Abel ou o Aldir a escreverem quadras sobre os nomes populares de cada árvore da Lagoa... Não é porque o Tom era apaixonado por árvores que eu sou também. Ele foi meu mestre na música, e também como homem, pensador, ecologista. Mas eu sempre fui apaixonado por árvores. É uma paixão verdadeira. Tenho minhas árvores favoritas, as quais eu abraço... Um flamboyant, uma casuarina, uma amendoeira...”

Ivan, a música — e também as árvores — agradecem...

Batuta diferente

A alma carioca não apenas canta, mas chora com o acariciar das cordas dos violinos, tremula com o dedilhar das harpas, vibra com os xilofones e sacode ao som do tamborim. O Rio fez uma caipirinha do clássico com o popular. Afinal, aqui tudo é eterno. E já faz tempo que o erudito despiu a casaca e deixou as salas de concerto para reger as praias. É sol, é sal, é ópera, é mar.

Isaac Karabtchevsky no ensaio geral da Orquestra Petrobras Sinfônica

O século dezoito ainda não tinha terminado e a cidade já reclamava por um espaço destinado aos clássicos. O resultado foi o Theatro Municipal, inaugurado em 1909 e inspirado no Opera de Paris. Só depois viriam os parques e a praia

Houve um tempo, bem antes do mestre Zuenir identificar a cidade-partida, que o Rio se dividia, fraticidamente, em clássico e popular. O clássico, é claro, dava mais Ibope naquela época de sambistas enrustidos e eruditos metidos à besta. Pedantismos à parte, dois ícones praticamente dividem a música clássica (ou sinfônica) brasileira em antes e depois de Carlos Gomes e Villa-Lobos.

Foi depois de um ano morando no Rio que o paulista (de Campinas) Antonio Carlos Gomes apresentou, em 1861, sua primeira ópera com o libreto de Fernando Reis, "A Noite do Castelo". E Heitor Villa-Lobos era carioca da gema, de bater ponto na noite da Lapa.

O século dezoito ainda não tinha terminado e a cidade já reclamava por um espaço destinado aos clássicos. O resultado foi o Theatro Municipal, inaugurado em 1909 e inspirado no Opera de Paris.

Nos primeiros dez anos não se falava português no palco ou nas coxias, já que as temporadas líricas e de balé eram todas importadas da Europa. Mas já estavam em plena atividade orquestras locais destinadas ao gênero sinfônico, as da Sociedade de Concertos Populares, fundada pelo maestro Carlos de Mesquita em 1887, e a Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos, fundada em 1901 e que tinha como principal regente o maestro Francisco Braga. A partir de 1920 elas passaram a brilhar no Municipal. Em 1931 foi criada a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, e mais tarde um coro (1934) e o corpo de baile (em 1936). Até hoje, só no Rio uma instituição cultural brasileira reúne as três.

As atrações internacionais, claro, de Enrico Caruso a Tereza Berganza, passando por regentes como Richard Strauss e Arturo Toscanini, nunca deixaram por completo a programação. Em 1952, aliás, o Municipal até foi palco de um

"O Projeto Aquarius chegou a ter mais de 20 concertos por ano. Era destinado à população que não tinha poder aquisitivo para comprar ingressos. E o público que ia ao projeto é o que hoje freqüenta o Theatro Municipal, vai aos concertos"

Isaac Karabtchevsky

duelo entre as maiores divas do bel canto, Maria Callas e Renata Tebaldi, que se apresentavam em um concerto beneficente.

O palco do Theatro não foi suficiente para comportar as duas prima-donas. Callas cantou "Sempre libera", de "La Traviatta", agradeceu os aplausos e se retirou. Tebaldi, que se exibira com "Ave Maria", de "Otello", deu dois bis. Resultado: um bate-boca nos camarins com tons e sons de tragédia grega, e que entrou para história não-oficial da temporada clássica carioca.

Além dos palcos oficiais, como o Municipal e Sala Cecília Meirelles, o Rio em sua história contou com espaços que não podem ser esquecidos, como a residência da cantora lírica Gabriela Besanzoni Lage, nada menos que os salões do Parque Lage, e a bela casa de Laurinda Santos Lobo, em Santa Tereza. Espaços que congregavam o que havia de melhor da música erudita nacional e estrangeira.

Em 1936, o maestro Lorenzo Fernandes criava o Conservatório Nacional de Música, no Rio de Janeiro. E com ele os cursos livres de música e a inovação na metodologia de iniciação musical para crianças.

Seguindo o bom exemplo, um grupo de músicos liderados pelo maestro André Siqueira criou em 1940 a Orquestra Sinfônica Brasileira, dirigida inicialmente por um regente húngaro, Eugen Szenkar. E em 1950, a OSB lançou o Concertos para a Juventude, idealizado pelo maestro Eleazar de Carvalho e que revelou, em palcos cariocas, inúmeros músicos clássicos no berço da MPB. Das salas para o rádio e a TV, nos domingos pela manhã.

Em 1972 foi criado o Projeto Aquarius, com a proposta de popularizar a música clássica em terras cariocas, com concertos ao ar livre, de graça, como obras de Beethoven, em Copacabana. Em 1979, 200 mil pessoas foram à Quinta da Boa Vista para assistir a OSB e o coral masculino da Bayer, com 180 vozes. Hoje, passados pouco mais de 30 anos, mais de 8 milhões de cariocas e agregados já assistiram a concertos realizados pelo projeto.

"O Projeto Aquarius chegou a ter mais de 20 concertos por ano. Era destinado à população que não tinha poder aquisitivo para comprar ingressos. Mas com o tempo os preços caíram muito. E o público que ia ao projeto é o que hoje freqüenta o Theatro Municipal. Depois do Aquarius foi rompido definitivamente o apartheid entre música erudita e as grandes massas populares", comenta o maestro Isaac Karabtchevsky.

Em 1950, a OSB lançou o Concertos para a Juventude, idealizado pelo maestro Eleazar de Carvalho e que revelou, em palcos cariocas, inúmeros músicos clássicos no berço da MPB

Filho de russos, nascido em São Paulo e carioca por devoção, o maestro dirigiu a OSB por 26 anos até 1995, quando deixou o Brasil. E nos últimos anos dirigiu, nada mais, nada menos do que a orquestra do Teatro La Fenice, de Veneza. Para alegria do Rio o maestro, aos 70 anos de vida e 50 de carreira, está de volta.

"Vivi em São Paulo até os 21 anos. Mais tarde segui para a Europa, onde fiquei até receber um convite para ser assistente do maestro Eleazar de Carvalho, no fim da década de 60. Quando ele saiu, herdei a Sinfônica. Estive ausente nos últimos dez anos, mas agora estou de volta. Adoro o Rio de Janeiro."

Karabtchevsky voltou para incrementar o Rio Clássico dirigindo a Orquestra Petrobras Sinfônica, criada em 1987, por sugestão do maestro Armando Prazeres, com o nome de Orquestra Petrobras Pró-Musica (OPPM).

"Dentro da conjuntura que hoje aflige todas as orquestras sinfônicas em todo Brasil, acho que a única estrutura que pode manter uma orquestra a longo prazo é uma empresa estatal do porte da Petrobras. Hoje nós estamos numa fase intermediária, mas tendemos a ser uma orquestra autônoma, com músicos exclusivos, com um teatro próprio e com características que a identifiquem como uma orquestra autônoma."

O Projeto Aquarius, relembra o maestro, viveu seus dias de glória com um enorme apoio de mídia. "Esses concertos não podem ser realizados sem uma infra-estrutura muito bem cuidada. A confecção de um palco, a realização de um projeto acústico que torne acessível a uma pessoa que esteja a dois quilômetros de distância, ouvir como se estivesse na frente do palco. Então, é um projeto caro."

Nos planos futuros, trazer e renovar o público — inclusive com um novo espaço para o Rio.

"Uma sala construída em um terreno plano possibilita uma acústica bem mais apurada. O projeto será realizado do momento que a Petrobras se convencer de que o Rio tem que ser privilegiado com uma sala com uma acústica perfeita, específica para música sinfônica."

E o Rio? "O que me atrai é essa interação entre mar, montanha e o concreto. É um verde que eu não encontrei em lugar nenhum, um entrosamento entre natureza e cidade, uma mentalidade que não existe em outro lugar. Enfim é todo um conjunto que me fez escolher o Rio de Janeiro como minha cidade de coração. No Rio, minha regência soa diferente."

Museu de grandes novidades

POR KELLY NASCIMENTO

Histórico figurino de cobra das Frenéticas, doado por Leiloca

No início foram somente algumas tímidas doações de discos e outras preciosidades acumuladas, ao longo da vida, pelos entusiastas de primeira hora do Instituto Cultural Cravo Albin. Acabou virando mania. Uma lista que vai de Nélida Piñon a Joaquim Falcão, passando por Anna Bloch e Mary Ventura, é uma amostra da diversidade dos beneméritos do ICCA. Vitrolas, vinis, programas de rádios, peças de vestuário, fotos, recortes, publicações... Tem de tudo. Um acervo que glorifica a MPB e enche de orgulho a cidade do Rio de Janeiro.

Nunca é demais lembrar que o Instituto nasce, em 2001, de uma generosa doação de Ricardo Cravo Albin. Coube a ele doar seu imenso amor pela cidade do Rio de Janeiro criando o ICCA. E presenteando em vida o recém-nascido Instituto com a sua sede — um charmoso sobrado no bairro da Urca — e o mais valioso acervo sobre MPB.

Não foi um esforço solitário. A idéia encontrou eco em outros cantos, fazendo do Instituto um catalisador cultural do Rio. Juntaram-se à proposta nomes como Geraldo Casé, Everardo Magalhães Castro e Ivon Curi. Além da boa vontade, trouxeram peças importantes para a montagem do quebra-cabeça chamado MPB. As doações vão desde objetos antigos a gravações históricas — como um encontro de Pixinguinha, Tom e Vinícius no Club de Jazz e Bossa.

Os motivos são distintos. Há, sem dúvida, a intenção de tornar comum um bem privado. "A vocação do doador é desprender-se da própria coleção em benefício de outra, em muito superior à sua. Ao agir assim, tem a convicção de alojar os objetos de sua estima junto a quem sabe dar dimensão real ao material recebido", explica a escritora Nélida Piñon. A imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) cedeu sua coleção com cerca de mil álbuns de MPB.

"Renunciei aos meus discos, preciosos para mim, obedecendo à urgência histórica de incorporá-los à coleção do ICCA. Sabia que, à sombra do estudioso que é Ricardo Cravo Albin, estaria contribuindo para enriquecer o repertório brasileiro e preservar a nossa memória musical".

Por outro lado, a preocupação de se preservar o material também pesa. O produtor cultural Ney Murce mantinha um sótão só para abrigar o acervo de seu avô, o radialista Renato Murce. O local guardava relíquias como uma gravação em que Braguinha conta o processo de criação em

> **"O doador tem a convicção de alojar os objetos de sua estima junto a quem sabe dar dimensão real ao material recebido"**
>
> **Nélida Piñon,**
> escritora

Caetano Veloso com Dedé Gadelha

Paulo Machado de Carvalho com Bill Halley

Nádia Maria

Carmen Verônica

parceria com Lamartine Babo, Nara Leão cantando ao vivo na Rádio Nacional.

"Meu avô morreu em 87 herdei um acervo imenso, que conta grande parte da história do rádio no Brasil. Pensei em doar desde o começo, mas tive dificuldade em encontrar uma instituição apropriada. Ao mesmo tempo, tinha que conviver com o problema da falta de condições de climatização e de conservação."

Juntou tudo: fotos de Dorival Caymmi no início da carreira, roteiro de mais de dez mil esquetes, discos, livros, gravações do programa humorístico PRK-30 — uma das maiores audiências da Rádio Nacional — entre outras preciosidades. Além do registro em vídeo dos treze anos do projeto "Meio-dia", por onde passaram nomes como Emiliinha, Tamba Trio, Paulinho da Viola, Braguinha e Francis Hime, entre outros, conta Ney Murce.

"O Meio-dia acontecia às quartas, reunindo grandes intérpretes, compositores e instrumentalistas. O fim do ano era sempre celebrado com um grande show no Theatro Municipal, onde um grande nome da música era homenageado. Temos o registro da primeira vez em que Raphael Rebello subiu ao palco, tocando ao lado de Sivuca e Dino 7 Cordas."

Estas e outras preciosidades lotaram três kombis, dirigidas ao Instituto Cultural Cravo Albin. Lá são inventariadas e catalogadas de acordo com a descrição arquivística da norma ISAD (G) — sigla para *General International Standard Archival Descrival.* Segundo Murce, "essa segurança de saber que o acervo será organizado e devidamente instalado é uma grande vantagem. Algumas instituições, por exemplo, para aceitar doação cobram pela restauração. Com tantas peças, isso me sairia uma fortuna".

A frenética Leiloca Neves diz ter "o espírito da doação na veia". Esse fator genético explica-

ria o fato dela ter cedido ao ICCA o histórico figurino de cobra do grupo conhecido por *hits* da década de 70 como "Dancin'days". O traje é formado por maiô, luvas e botas cano alto. "Lembro que o sapateiro teve muita dificuldade para achar pele de uma jibóia que tivesse o diâmetro da minha coxa, pois a bota vinha acima do joelho".

A vestimenta de cobra foi usada pela primeira vez em 1978, na temporada no Teatro Teresa Rachel, no Rio. Depois percorreu Brasil afora, numas das turnês mais bem-sucedidas da banda. "Doar é uma forma de se reciclar energias. As Frenéticas fazem parte da história. Ter nosso figurino no ICCA é uma forma de registrar na história nossa passagem pela MPB", justifica.

O embaixador Roberto Assumpção também não hesitou em colaborar com o Instituto. "Guardava na minha casa de Petrópolis um acervo riquíssimo, num total de 500 discos de música brasileira. Muitas dessas raridades me foram enviadas pelo crítico de música Lúcio Rangel, que conseguia garimpar verdadeiras relíquias".

A iniciativa encontrou eco em outro embaixador. René Haguenaeur, com o amigo Alcides da Costa Guimarães, juntou discos franceses, norte-americanos e brasileiros e doou ao Instituto. "Decidimos procurar Ricardo Cravo Albin pela experiência que ele teve à frente do Museu da Imagem e do Som. Sabíamos que com ele o material seria bem preservado", explica Haguenauer, que ainda incentivou outros amigos a seguir seu exemplo.

Mary Ventura confiou ao Instituto a coleção de fotos que Norma Cury tirou de seus entrevistados ao longo da carreira. Norma havia entregue as imagens ao jornalista Mauro Ventura. Como ele não podia cuidar do acervo, passou-o à mãe, Mary. Esta, depois da morte da Norma, decidiu que as fotos seriam melhor aproveitadas se doadas ao ICCA, onde poderiam servir a pesquisas.

Ilustração de Lan

Luminária das Frenéticas

Ponto de vista partilhado pelo diretor da Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getulio Vargas, Joaquim Falcão. A colaboração veio na forma de vinis de MPB. "Cultura só se faz com paixão. E a preservação cultural, a revitalização da memória, só se faz com mais paixão ainda. O Instituto Cravo Albin é fruto e objeto de paixão. Lugar apropriado e seguro para depositar os registros das músicas que moldaram minha geração. Foi o que fiz sem hesitar", justifica o entusiasta do projeto.

É por meio de ações como essas que hoje o Instituto contabiliza, em seu arquivo fonográfico já inventariado, cerca de quinze mil discos de doze, dez e oito polegadas (*longplays* em vinil, 78 rpm, em goma laca e compactos simples e duplos), e mais cerca de duas mil fitas sonoras em rolo, setecentas fitas magnéticas sonoras em cassete e cerca de setecentos CDs. A isso se somam originais literários e pessoais, correspondências, fotografias, recortes de jornais e revistas, *scripts* de programas de rádio e televisão, roteiros de espetáculos musicais e uma grande quantidade de documentos audiovisuais.

A lista dos maiores doadores ainda inclui nomes como o do publicitário Lula Vieira — que colaborou com mais de mil discos e jingles de programas elaborados pelo publicitário ao longo de sua carreira. Nesse ritmo, o ICCA vai acabar tendo que adquirir um prédio anexo.

Santuários urbanos

Fotos **Marcelo Carnaval**

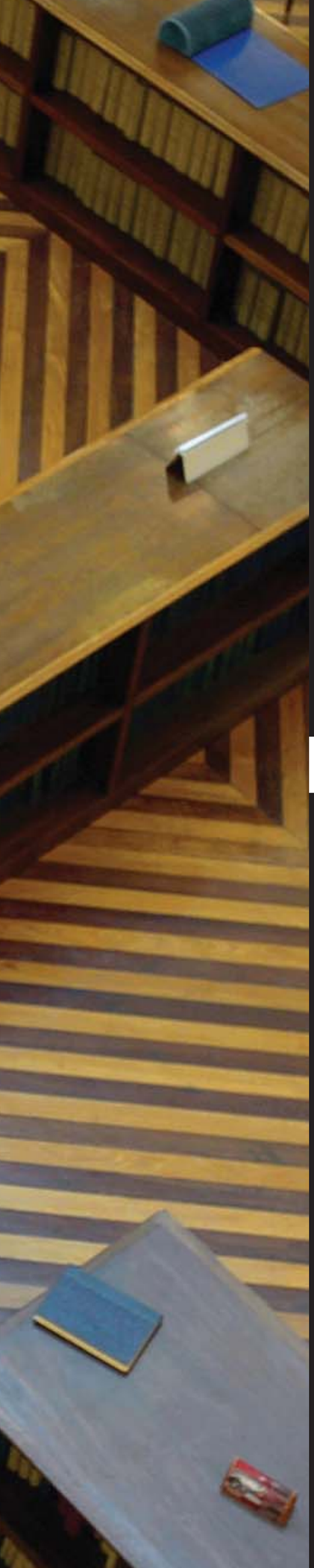
Nem todas as belezas da Cidade Maravilhosa saltam aos olhos. Envoltas em brumas de concreto, algumas das mais deslumbrantes jóias arquitetônicas do país se revelam aos olhares privilegiados dos leitores de **Carioquice**. São verdadeiros templos do amor e devoção ao Rio de Janeiro. Um ensaio fotográfico para se ver e rezar.

Sul América

Biblioteca Nacional

Clube Naval

Associação Comercial



Biblioteca Nacional

Clube Naval

Itamaraty

olha que coisa mais linda...

Instituto Moreira Salles

Federação Espírita Brasileira

Ilha Fiscal

Tribunal Regional Eleitoral

Na zona do agrião

A Suderj informa: o Rio venceu São Paulo para todo o sempre. Antes que os mais precipitados nos acusem de um bairrismo desastrado, nos socorremos na voz do povo, que é a voz de Deus. O futebol ganhou as massas aqui mesmo, na terra do Maracanã, Zizinho e Garrincha. Que nos perdoe a torcida bandeirante, mas como dizia o profeta Nélson Rodrigues, estava escrito há mil séculos: o futebol é essencialmente carioca.

por Raul Milliet Filho

Em cima, da esquerda para a direita: Fluminense de 1914 e Flamengo de 1915
Embaixo, da esquerda para a direita: Vasco de 1923 e Botafogo de 1932

Da chegada do futebol no Rio de Janeiro, em 1897, pouco após a abolição da escravatura, até sua profissionalização em 1933, alguns marcos foram fincados na História do país.

O primeiro refere-se a um esporte recém-regrado na Inglaterra, ultrapassando os muros dos clubes aristocráticos cariocas, transformando-se em um dos componentes do imaginário da nação brasileira, dentro do que Benedict Anderson conceituou como "nação, comunidade política imaginada".

Um esporte de elite, inglês, desembarcado no eixo Rio-São Paulo em malas européias, que em um curto espaço de tempo foi reinventado e incorporado pelas classes populares brasileiras, consolidando-se ao lado do samba como um dos pilares centrais de nosso incipiente Estado-Nação.

O futebol é a Escola Brasileira de Futebol, responsável pela "Queda da Bastilha" dos clubes aristocráticos, tecendo uma relação mítica na qual a torcida incorpora o próprio clube, agora time.

Tudo isto ultrapassa os 45 minutos deste Primeiro Tempo para, nas décadas de 1940 e 1950, fixar os marcos definitivos do futebol brasileiro.

Primeiros toques

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1901. Como está mencionado na pesquisa do projeto "Memória do Esporte no Brasil", desenvolvido no início da década de 1980 pela Fundação Roberto Marinho, Universidade Cândido Mendes e MEC, o Correio da Manhã noticiava:

O remo, esporte caro e elitista, reunia grande número de espectadores em suas regatas. As primeiras partidas de futebol tinham seus horários marcados a partir dos calendários das regatas de maior importância

"No campo do Rio - Cricket joga-se hoje pela primeira vez no Rio, uma partida de foot-ball. Esse jogo principiará às 8 horas da manhã. Jogarão dois grupos (teams) sob as denominações de "Brasil-team" e Inglaterra-team. Reina grande entusiasmo. Palpitamos pela vitória do Brasil".

Três dias depois, o Correio noticiava um empate de 1 a 1 na partida que, cabe frisar não foi oficial, reunindo brasileiros e ingleses em torno de uma pelada de futebol organizada por Oscar Cox, pioneiro na introdução do futebol no Rio de Janeiro.

Engatinha o futebol em terras cariocas. Em São Paulo, três anos antes Charles Miller já dera o pontapé inicial.

O remo, antecipando-se ao futebol, tem suas primeiras regatas realizadas em 1851, Niterói. Em 1860, tendo como base a Marinha de Guerra, várias regatas são promovidas pela Armada Nacional.

No dia 13 de maio de 1888, o Governo Imperial organiza a Regata da Abolição, realizada na enseada de Botafogo, com a participação de

Cronologia básica do futebol no Rio de Janeiro (inclui, obviamente, outros esportes)

1897

Oscar Cox traz o futebol para a Capital Federal.

1901

Oscar Cox coordena a organização dos dois primeiros jogos entre cariocas e paulistas.

1905

É criada a Liga Metropolitana de Foot-ball do Rio de Janeiro - capital.

1906

É realizado o primeiro campeonato de *foot-ball* do Rio de Janeiro.

1914

Os jornais do Rio de Janeiro abrem mais espaço em suas folhas para o *football*, que, passa a ser chamado de futebol.

1914

É formada a primeira seleção brasileira de futebol.

1916

É realizado o primeiro sul-americano de futebol em Buenos Aires, sagrando-se campeão o Uruguai.

vários grupos de remadores, agremiações, a Marinha e as Escolas Naval e Militar.

Os clubes de remo se multiplicam. Em 1875, o Clube de Regatas Icaraí; em 1894, o Clube de Regatas Botafogo e o Gragoatá; em 1895, o Clube de Regatas Flamengo; e em 1898, o Clube de Regatas Vasco da Gama, entre outros, como o Clube de Regatas São Cristóvão em 1899.

O remo, esporte caro e elitista em sua prática, reunia grande número de espectadores em suas regatas. De tal forma que as primeiras partidas e campeonatos de futebol tinham seus horários marcados a partir dos calendários das regatas de maior importância, que ocorriam em quatro ou cinco domingos ao ano. Domingos que povoavam o imaginário da cidade, de todas as classes, da ansiedade das jovens mocinhas com perfumes e sais e seus elegantes acompanhantes, à torcida franca e barulhenta daqueles que até hoje têm por monumento "as pedras pisadas do cais".

De qualquer forma não podemos esquecer que o esporte ainda tinha uma importância reduzida, prevalecendo o tipo ideal do dândi (o jovem de olheiras, apreciador do absinto e da lírica dos poetas em voga) sobre o *sportman*. Esta contradição, o embate surdo entre o dândi e o *sportman*, permaneceu de forma clara ou camuflada até os idos de 1940.

Noel Rosa iria compor em 1936, em parceria com Vadico, um samba-choro chamado "Tarzan (O filho do alfaiate)", onde abordaria com picardia a contradição dândi & sportman: "Quem foi que disse eu era forte? / Nunca pratiquei esporte / Nem conheço futebol. / O meu parceiro sempre foi o travesseiro / E eu passo um ano inteiro / Sem ver um raio de Sol. / A minha força bruta reside / Em um clássico cabide / Já cansado de sofrer, / Minha armadura é de casimira dura / Que me dá musculatura / Mas que pesa e faz doer."

Os observadores atentos percebem que até 1910/1915 o remo, ao lado do turfe, ainda mantém a sua popularidade, quando o futebol em-

1917

A CBD filia-se provisoriamente à FIFA, que havia sido criada em 1906.

1919

O Brasil sedia o campeonato sul-americano de futebol, conquistando o primeiro lugar.

1920

Primeira participação brasileira em Olimpíadas.

1923

CBD filia-se definitivamente à FIFA.

1923

O Vasco é campeão com um time composto por negros e mulatos.

1927

inaugurado o estádio do Vasco da Gama.

1933

Em 12 de março é disputado em São Paulo o primeiro jogo entre times profissionais. Em 2 de abril o mesmo ocorreria no Rio de Janeiro.

Sociais do estádio de São Januário, em 1927

parelha na curva que antecede à reta final e se torna o esporte preferido das folhas e das ruas. Das rodas dos cafés engravatados, aos botequins e mercearias de Aluísio de Azevedo.

Marcos Carneiro de Mendonça, goleiro do Fluminense e da seleção brasileira, em entrevista concedida em 1985 ao projeto "Memória do Esporte", confirmava:

— Nós podemos mostrar positivamente que o futebol ganhou rapidamente a preferência do povo do Rio de Janeiro porque em uma das últimas regatas que assisti, na praia de Botafogo, eu soube que os diretores da Federação de Regatas pediram que não houvesse jogo de futebol no dia da regata. Qual a conclusão que o senhor tira daí? É que a gente da regata já reconhecia que o povo do Rio de Janeiro, entre um espetáculo de regata e um jogo de futebol, dava preferência ao futebol.

— Em que ano foi isso? O senhor se lembra?

— Talvez por volta de 1908.

a cena carioca e o futebol

Nos dez anos das primeiras peladas do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, o Brasil caminhava a passos largos rumo ao encontro de sua modernização de poucos.

Nos planos político e econômico, o país fervilhava pelo alto. A época era singular. O crescimento das cidades, vertiginoso. A população do Rio, por exemplo, que passa de 522 mil habitantes em 1890 para 811 mil em 1900. Dez anos depois, chegaria a quase um milhão e duzentos mil habitantes.

"Nós podemos mostrar positivamente que o futebol ganhou rapidamente a preferência do povo do Rio de Janeiro porque em uma das últimas regatas que assisti, na praia de Botafogo, eu soube que os diretores da Federação de Regatas pediram que não houvesse jogo de futebol no dia da regata. Isso foi por volta de 1908"

Marcos Carneiro de Mendonça,
goleiro do Fluminense e da seleção brasileira, em entrevista concedida em 1985 ao projeto "Memória do Esporte"

Quando Oscar Cox retorna ao Rio de Janeiro trazendo o futebol, em 1897, encontra nos clubes de regatas espaços acolhedores, redutos ideais para mais uma novidade esportiva. Cox depara-se com uma cidade que certamente não consegue compreender por inteiro, após alguns anos de estudos na Suíça, onde pela primeira vez tomou contato com uma recente "invenção" inglesa: o *foot-ball*.

No chamado "Primeiro Tempo" do futebol, que começou sua carreira pelas elites na babel tropical e vitral de igreja gótica que era o Rio, quatro datas podem ser utilizadas como linhas demarcatórias de seu campo histórico: sua chegada, em 1897; o Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro e conquistado pelo Brasil; o campeonato carioca de 1923, levantado pelo Vasco da Gama, com um time de negros e mulatos, abre-alas da democratização da arte de Mané e Pelé; e a adoção do profissionalismo em 1933. Quatro datas que viraram de ponta a cabeça a cultura popular carioca.

O futebol no Rio de Janeiro, na sua fase inicial de popularização, abre cada vez mais as portas para este novo perfil. Ganhou grande impulso por motivos que estão diretamente relacionados ao aprofundamento das relações de trabalho, derivadas da modernização excludente pós-escravidão, em um processo de urbanização no qual a indústria e o trabalho assalariado estão pouco presentes.

A "escola brasileira" ganha impulso exatamente nesse período, demarcada pela vitória no Sul-Americano de 1919, no sentido oposto do que ocorria na Inglaterra, pois aqui as linhas de produção não impõem a perda da habilidade do artesão e, na verdade, empurram os moradores citadinos (no caso, Rio de Janeiro) a possuir uma plêiade de aptidões. O saber de tudo um pouco, "valorizando" pelo "atraso social" e pela

As peladas são parte do cenário do Rio de Janeiro

necessidade de sobrevivência o equilibrista das atividades, o viver daquilo que se consegue a cada dia, criando o culto ao improviso. E elogiado depois por Noel Rosa em "O orvalho vem caindo", de 1933: "Se um dia passo bem / dois e três passo mal / Isto é muito natural".

A elegia de um corpo resistente, açoitado e sincopado, que sem alternativas brilha nos palcos possíveis da vida. Nas ruas de um *flâneur*, que tem nos campos conquistados a aura de sua arte, assim como os sambistas têm nos terreiros e "presidentes vargas" futuras o bate pronto de um quilo de feijão arrancado na última hora, de um voltar para casa de um dia onde o improviso nada mais garantiu do que bolsos vazios.

O jogador de futebol que na década de 1920 começa a desenvolver seu talento é o mais típico representante do que Baudelaire, Benjamin e João do Rio jamais imaginariam de um *flâneur*. Um *flâneur* do lado de baixo do Equador. Tropical polivalente. Criador e conservador. Rebelde e dócil. Questionador da ordem constituída e *parceiro* de primeira hora de qualquer um que lhe possa dar um *ganho*.

Um jogador, que incorpora a cultura negra, sua tradição corporal, a cultura européia, uma fusão de *sportman* com alma de *flâneur*, de um dândi em conflito. Desta fusão do faz tudo do trabalho informal brasileiro, da síncopa, da feijoada cultural com a disciplina do *sportman*, nasce um estilo diferenciado de jogar que, se por um lado não pode ser idealizado nem naturalizado, por outro não pode ser esquecido como uma marca cultural própria brasileira, com clara hegemonia (em seu processo de constituição, das classes populares).

Não há dúvida que os futebolistas dos primeiros 40 anos do século XX foram formados desse caleidoscópio de tudo que é o Brasil, o Rio de Janeiro, e que o tipo ideal do *sportman* incorporou muito do dândi no estilo e na disciplina. A crônica de João do Rio e as músicas de Noel são traduções claras desta fusão. É o *sportman* com o dândi incorporado em estado bruto, pronto para ser lapidado como foi com a perícia dos grandes craques no jogar e na linguagem, por Didi (quem corre é a bola; treino é treino jogo é jogo), por Nelson Rodrigues, João Saldanha, Gérson e outros.

O futebol carioca conquista nos anos pós-1919 sua popularização, quando 30% a 40% da população carioca vivia de biscates, trabalhos temporários, desempregados enfim, com 50% de analfabetos. Essa popularização tem como ponta de lança o Vasco da Gama, a construção do Estádio de São Januário em 1927 — meio caminho para a profissionalização de 1933, caminho inteiro para o vir a ser de um pentacampeonato. De um futebol que só adota a segunda lei do impedimento (de 1925) na década de 1940, alcançando estatuto de arte através de seus solistas e pavilhões maiores: Marcos Carneiro de Mendonça, Friedenreich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Gerson, Zizinho, Garrincha, Pelé, Romário e tantos outros, vestindo Flamengo, Santos, Corinthians, Botafogo, Vasco, Fluminense, América...

Dos clubes às peladas, de volta aos clubes, retornando às peladas.

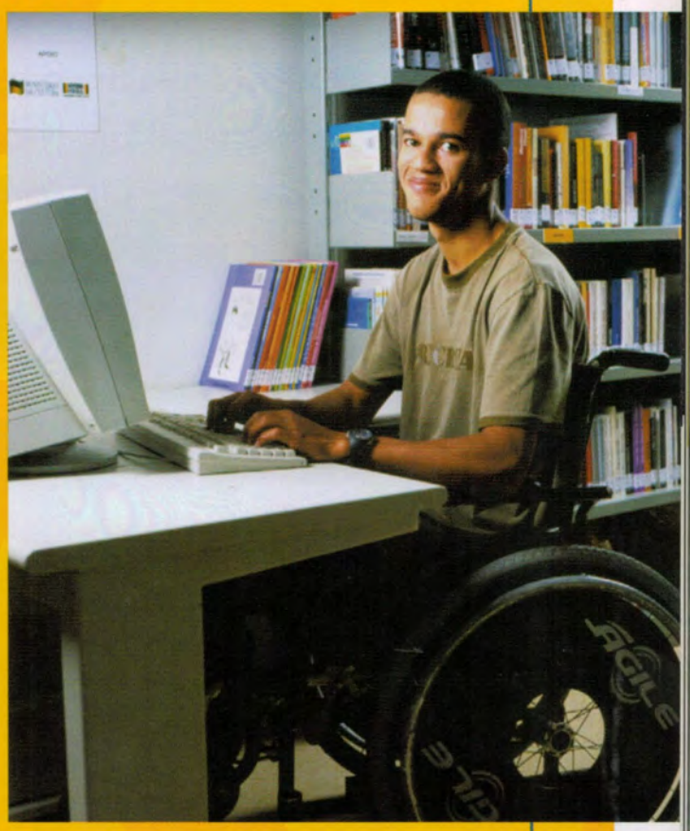
Raul Milliet Filho é doutorando em História Social na USP, pesquisa a História do Futebol no Brasil e é especialista em políticas públicas na área social.

O nome, o endereço e o telefone. As únicas diferenças entre a sua agenda e a de um portador de deficiência.

LAGE' MAGY

06:50 – Cachorro pula na cama (e lambe minha boca).
07:00 – Banho rápido. Estou atrasado.
07:30 – Café da manhã e jornal do dia.
08:15 – Chego no escritório sem trânsito.
08:45 – Chego no escritório com trânsito.
09:30 – Reunião.
09:45 – Está difícil ficar acordado.
10:45 – Ufa. Final da reunião.
12:00 – Almoço no japonês.
13:20 – Volta do almoço.
13:30 às 14:30 – Bode.
15:50 – Outra reunião. E a sexta-feira que não chega.
17:23 – Champanhe. Atingimos as metas.
18:00 – Até amanhã. Será que eu vou pra academia?

Esse é o dia de um portador de deficiência: igual ao seu.



As diferenças acabam aqui.

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO
www.aacd.org.br
21 3759 8400

Porta-retrato literário

por Kelly Nascimento

Um jornal é sempre uma moldura para um mosaico de letras. Em alguns casos, a moldura briga com o conteúdo. Em outros, o supera. Certamente, este não é o caso do Jornal de Letras, que vai completar quatro décadas de muita prosa e poesia. Os imortais Antonio Olinto e Arnaldo Niskier falam desse porta-retrato dos melhores textos e contam com quantas letras se faz um jornal.

No imponente prédio da Avenida Presidente Wilson, o escritor, poeta e jornalista Antonio Olinto recorre à memória para relembrar do nascimento do primeiro veículo brasileiro voltado para a literatura. "A idéia de se publicar um jornal que tratasse exclusivamente de livros partiu dos irmãos Condé — João, José e Elisa. Em 1965, eles criaram o Jornal de Letras, verdadeira surpresa para o mercado literário do Brasil", conta.

A família Condé se responsabilizaria pelo projeto por toda a vida. Com a morte dos criadores, o veículo deixaria de ser editado por dois anos. E os leitores só voltariam a reencontrá-lo em 1998. Foi quando Olinto e o atual secretário estadual de Cultura, Arnaldo Niskier, conseguiram retomar a proposta "Resolvi investigar se o título estava registrado. A resposta foi negativa. Ele foi, então, registrado em nome do Instituto Antares, hoje dirigido por Andréia Ghelman. São mais de sete anos, vivendo a segunda fase, com mais de 80 números lançados sem interrupção, todo dia dez de cada mês e com circulação nacional. O seu editor-chefe é o acadêmico Antonio Olinto. Manteve-se assim uma tradição de apoio à literatura brasileira", ressalta Niskier. Nunca mais pararam. "Vamos para a 90ª edição sob esta gestão", comemora Olinto.

Motivos para festejar a proeza não faltam. O principal é que, durante muito tempo, o Jornal de Letras ostentou o título de a única publicação que tratava de livros em terras tupiniquins. "Isso foi num tempo em que os jornais sequer tinham espaço para suplementos literários. Principalmente porque a falta de repercussão acaba prejudicando o próprio setor", Olinto faz questão de destacar. Ainda segundo ele, publicar livro é importante, mas é a atividade jornalística que acaba estimulando a produção dos escritores.

Nestes sete anos de gestão da dupla Olinto-Niskier, foi cumprida, religiosamente, a proposta de todo mês colocar as notícias literárias na rua. Crítica literária, artigos, lançamentos, a cobertura é ampla. Na seção "BBB" — sigla para Biblioteca Brasileira Básica — escritores cujas obras marcaram época são relembrados. "Não ficamos só com Machado de Assis e Euclides da Cunha. A relevância de outros escritores importantes para o Brasil é ressaltada". Em "Bolsa de Livros", o jornal apresenta, além da lista de livros mais procurados, relação das obras que eles apontam como mais recomendadas. Para Niskier, a publicação tem prestado grande serviço à cultura brasileira. "Apoiou muitos autores novos, publicou uma variedade imensa de inéditos. Foi uma preciosa tribuna, que não poderia mesmo ter desaparecido. Fico muito feliz por ter contribuído para a sua nova vida", diz.

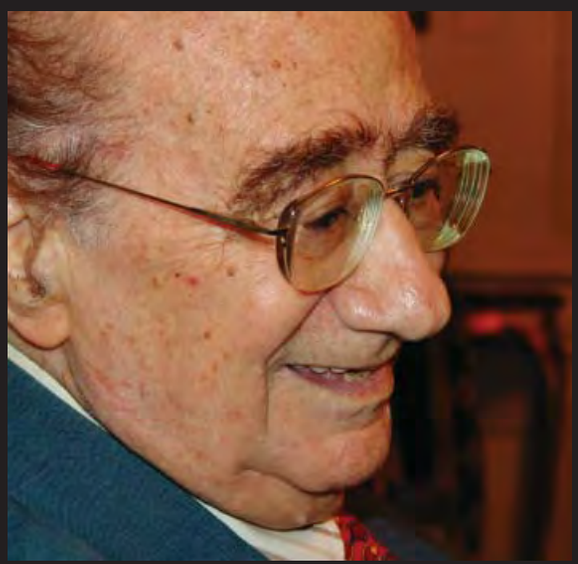
Já para Olinto, uma das funções do Jornal de Letras é a de agitar o ambiente. O escritor mineiro recorre a Nietzsche para explicar melhor sua visão da literatura. "Ele tinha uma frase muito boa, que dizia que 'sem bibliotecas os livros morrem, quando os livros morrem, a cultura também morre'. Não se pode ter apenas uma cultura oral, é preciso registrar essa cultura".

Como forma de reafirmar essa teoria, ele recorre também a Miguel de Cervantes. "Festejamos os 400 anos de Dom Quixote, uma obra eterna, que, dentre outros frutos, gerou toda uma série de publicações que surgiram inspiradas nessa obra. Os livros são o único mantenedor da cultura. É para o livro que fazemos o Jornal de Letras".

E como vai o livro no Brasil nesses 40 anos de Jornal de Letras? "A leitura ainda pode ganhar mais adeptos. Nesse tempo, temos também nos dedicado à organização de diversos estudos retros-

"Uma função do Jornal de Letras que me desperta maior apreço é a de traçar pistas e revelar novidades que a literatura felizmente nos apresenta"

Antonio Olinto,
escritor e editor do Jornal de Letras



pectivos da produção brasileira", conta. No momento, Olinto já vislumbra a próxima grande comemoração das letras brasileiras: o centenário da morte de Machado de Assis, em 2008. "A palavra escrita é o instrumento mais forte para se preservar a memória da nação. Um país sem memória está morto e não sabe", filosofa.

Farol Literário

Uma função do Jornal de Letras desperta maior apreço: a de traçar pistas e revelar novidades. "É esperado que apontemos caminhos e nós gostamos disso. Mas somos humildes para reconhecer que nem sempre nossas sugestões são seguidas. O importante é descobrir o novo. E mais: gostar desse novo e estar aberto para compreendê-lo". O imortal se refere às novidades inesperadas que a literatura felizmente nos apresenta.

O que seria esse novo? Guimarães Rosa e o Grande Sertão Veredas, Clarice Lispector e a Paixão Segundo G.H. "Às vezes, quando você quer dar caminhos, pode acontecer o inesperado. Isso é bom pois o talento aponta suas próprias trilhas", completa.

Perguntado sobre as novidades no atual cenário, Olinto não hesita. "José Nêumanne lançou recentemente um livro chamado 'O Silêncio do Delator'. É um romance louco. Tem uma proposta nova, não só no vocabulário, mas com relação à própria interpretação da cultura brasileira. Ele foca na geração, de 1960 até hoje com um novo olhar". Com a dica do escritor e jornalista cearense, termina o passeio de Olinto pelas letras brasileiras. Segue ele pela Academia, recomendando a quem quiser saber mais que continue acompanhando a saga do Jornal de Letras.

O maestro Antônio Brasileiro
que nos perdoe e abençoe a correção:

Minha alma "se ilumina"
Vejo o Rio de Janeiro

Com diversos investimentos nas áreas de Energia e Mineração em toda a América Latina, a MPX tem o orgulho de ser brasileira antes de tudo. E carioca por opção, devoção e paixão.

MPX

Capital dos quitutes & acepipes

Cariocas amantes das delicadezas do paladar, comemorai! As novidades gastronômicas que invadem a cidade não dão colher de chá para gourmet nem concha de feijão para gourmand algum reclamar. Da abertura da maior *delicatessen* da cidade – a Padelli – a uma casa dedicada exclusivamente a espumantes – a Xampanheria –, o Rio é delícia pura.

O Rio, que já foi o centro da alta gastronomia brasileira, volta, pouco a pouco a ocupar esse posto. Uma onda de investimentos na área gastronômica invade a cidade. Indício irrefutável desta retomada é a abertura do Complexo Gastronômico Padelli, que une a culinária italiana ao maior espaço dedicado a uma *delicatessen* na cidade. Localizado na antiga "Biruta" da Avenida das Américas, o espaço de mil metros quadrados é dividido entre o restaurante Il Forno di Padelli e a *delicatessen* Padelli. Do outro lado do balcão, um time que reúne nomes de peso da gastronomia carioca: um dos proprietários é Márcio Saldanha Marinho, sócio do Garcia & Rodrigues. Foi Marinho quem "descobriu" o *chef* francês Christophe Lidy, em Búzios, e o trouxe para o Rio.

Mas a equipe não pára aí. Quem comanda o restaurante Il Forno di Padelli é Mario Ciammaricone, ex-gerente da Capricciosa da Barra. De lá, aliás, veio parte da equipe de 86 funcionários do Complexo. A contratação de profissionais com

"Primeiro inauguramos nossa pizzaria e logo a seguir estaremos abrindo a maior delicatessen do Rio, no complexo gastronômico Padelli"

Márcio Saldanha Marinho,
do Il Forno di Padelli

larga experiência em pizzaria não foi aleatória. São as pizzas o carro-chefe do Il Forno di Padelli. As redondas serão preparadas a partir de algumas das receitas tradicionais da família Padelli e assadas em forno à lenha, especial a uma temperatura de 400º C. "Um dos diferenciais de nossa pizza são as receitas Padelli, além do que nosso forno chega rapidamente à temperatura ideal para a massa ficar bem crocante", explica Marinho.

O nome Padelli, aliás, é uma referência ao ícone das pizzas, Massimo Padelli, genovês que chegou a Nova York em 1943, fugindo da Segunda Guerra. Padelli, nas correspondências que trocava com os familiares na Itália, recebia, além das notícias da terra natal, receitas de massas que se tornaram famosas. Essa tradição italiana é o espírito que o Complexo Gastronômico Padelli leva para o Recreio.

Mas quem não quer sair da dieta também encontra opções no menu. Saladas e grelhados são os pratos para quem segue a linha *light*. Il Forno di Padelli tem capacidade para 150 pessoas. Está aberto diariamente para jantar e às sextas, sábados e domingos também no horário de almoço. A partir de setembro, a casa abrirá todos os dias para o almoço.

a maior delicatessen da cidade

Aqueles que optarem por um lanche rápido, a Padelli oferece mais de cinco mil itens. São verdadeiros acepipes garimpados pelos quatro cantos do país, que podem também ser degustados no próprio restaurante. A proposta é fornecer uma alternativa que contemple não só aqueles que gostam de apreciar os pratos já prontos, mas também aos que preferem cozinhar. Estes poderão se deleitar nessa que é a maior delicatessen da cidade e que ainda oferece, mais de oitenta tipos de pães.

A Zona Sul também tem boas novas: a Xampanheria, do *chef* e *sommelier* Danio Braga. Com quase três décadas de experiências gastronômicas, Braga não teve dúvidas quando pensou em abrir um empreendimento na cidade. "Escolhi um produto tipicamente carioca: o espumante. Tem uma bebida que combine mais com o espírito festivo da cidade?", questiona o *sommelier*, que resolveu grafar com "x" o nome do bar por influência da numerologia. Faro de bom entendedor, já que pesquisas apontam que o Rio é o segundo maior consumidor de espumante em território nacional, atrás apenas dos gaúchos. A falta de opção no quesito "lugar para beber" também guiou Braga. "Tirando-se a in-

"Escolhi um produto tipicamente carioca: o espumante. Tem uma bebida que combine mais com o espírito festivo da cidade?"

Danio Braga,
sommelier

formalidade e despojamento dos botecos, a cidade não tinha alternativa".

E, Danio Braga não está voltando ao Rio para abrir um restaurante: a Xampanheria é um bar onde também se come. "Nosso carro-chefe é a melhor carta de champanhes e espumantes no Brasil". Borbulhas de todas as partes do mundo: França, Itália, Espanha, África do Sul, Austrália, entre outros. "São elas a melhor representação da alegria carioca. Aqui, quanto mais borbulha, mais a bebida é apreciada", brinca.

Mas os produtos nacionais também terão lugar na Xampanheria. "Os brasileiros são ótimos, pois o clima do Rio Grande do Sul é muito similar ao da região de Champagne — mundialmente reconhecida como a produtora do melhor vinho espumante que se conhece. Com as mesmas castas e o domínio da técnica de espumatização, a probabilidade de se produzir uma boa bebida é altíssima", defende. O mais novo bar de Ipanema tem capacidade para cem pessoas e é divido em dois ambientes: um mais apropriado para beber, outro, para comer. Neste serão servidos tapas, ostras, salmão defumado e caviar. "A gastronomia segue a linha italiana tradicional revisitada", conceitua Braga.

O *restaurateur* paulista Rogério Fasano também apostou em Ipanema quando decidiu trazer a grife Gero à cidade, no final do ano passado. As características da sede paulistana foram mantidas e até superadas em alguns quesitos.

Gero, em Ipanema: as características da sede paulistana foram mantidas e até superadas em alguns quesitos. O cardápio, por exemplo, consegue ser mais sofisticado que o da matriz

O cardápio, por exemplo, consegue ser mais sofisticado que o da matriz. Sob o comando do *chef* Luigi Moressa são preparados pratos que representam de maneira fiel a culinária italiana contemporânea. Destaque para o clássico *ossobuco alla milanese* e para a *polenta bianca al nero di seppia*.

O cardápio impecável é acompanhado por uma carta de vinhos assinada pelo *sommelier* Manoel Beato. A elegância do espaço é garantida pelo arquiteto Aurelio Martinez Flores, que também criou o projeto do primeiro Gero. As semelhanças são identificadas à primeira vista, com os tijolos de demolição que recobrem a fachada.

E os investimentos não ficam só na culinária italiana. Em outubro, Eike Batista estréia no ramo gastronômico com o franco-oriental Mr. Lam. Acreditando que o Rio precisa de uma injeção de ânimo, o empresário do ramo de mineração e siderurgia associou-se a Paula Canongia — que traz na bagagem experiências bem-sucedidas à frente de restaurantes como Sushi Leblon e Guimas — para abrir o restaurante. O nome é uma homenagem ao *chef* chinês responsável pelo tempero que fez a rede Mr. Chow ser a preferida de dez entre dez celebridades mundo afora.

Com filiais espalhadas pelas cidades de Nova Iorque, Beverly Hills, Londres e Seul, o Mr. Chow é freqüentado pela rainha da Inglaterra, o estilista Giorgio Armani e os atores Al Pacino, Julia Roberts e Brad Pitt. Todos, assim como Eike Batista, são admiradores da conceituada cozinha de Lam.

Batista e Lam se conhecem há 20 anos. A tática para convencer o chinês a abrir negócio aqui foi trazê-lo para conhecer o Rio. Infalível.

Paula Canongia, CEO do Mr. Lam

Lam já está escolhendo um bairro carioca para morar. O restaurante já tem pouso definido: ocupará três casarões da rua Maria Angélica, no Jardim Botânico. O lugar é estratégico: é de onde se tem a melhor vista da Lagoa, um encanto a mais para os comensais.

O projeto arquitetônico é inspirado num templo chinês. Serão três andares, numa área total de 700 m² e capacidade para 105 pessoas. O terraço a céu aberto será um atrativo à parte. Eles ainda preparam outras surpresas: Lam desembarcará no Rio com outros cinco cozinheiros chineses e importará da terra de Confúcio contêineres de especiarias. A idéia de Eike Batista é que o restaurante Mr. Lam entre para o roteiro turístico da cidade. Definitivamente, o Rio volta a ser parada obrigatória no circuito da alta gastronomia.

www.relatorioreservado.com.br

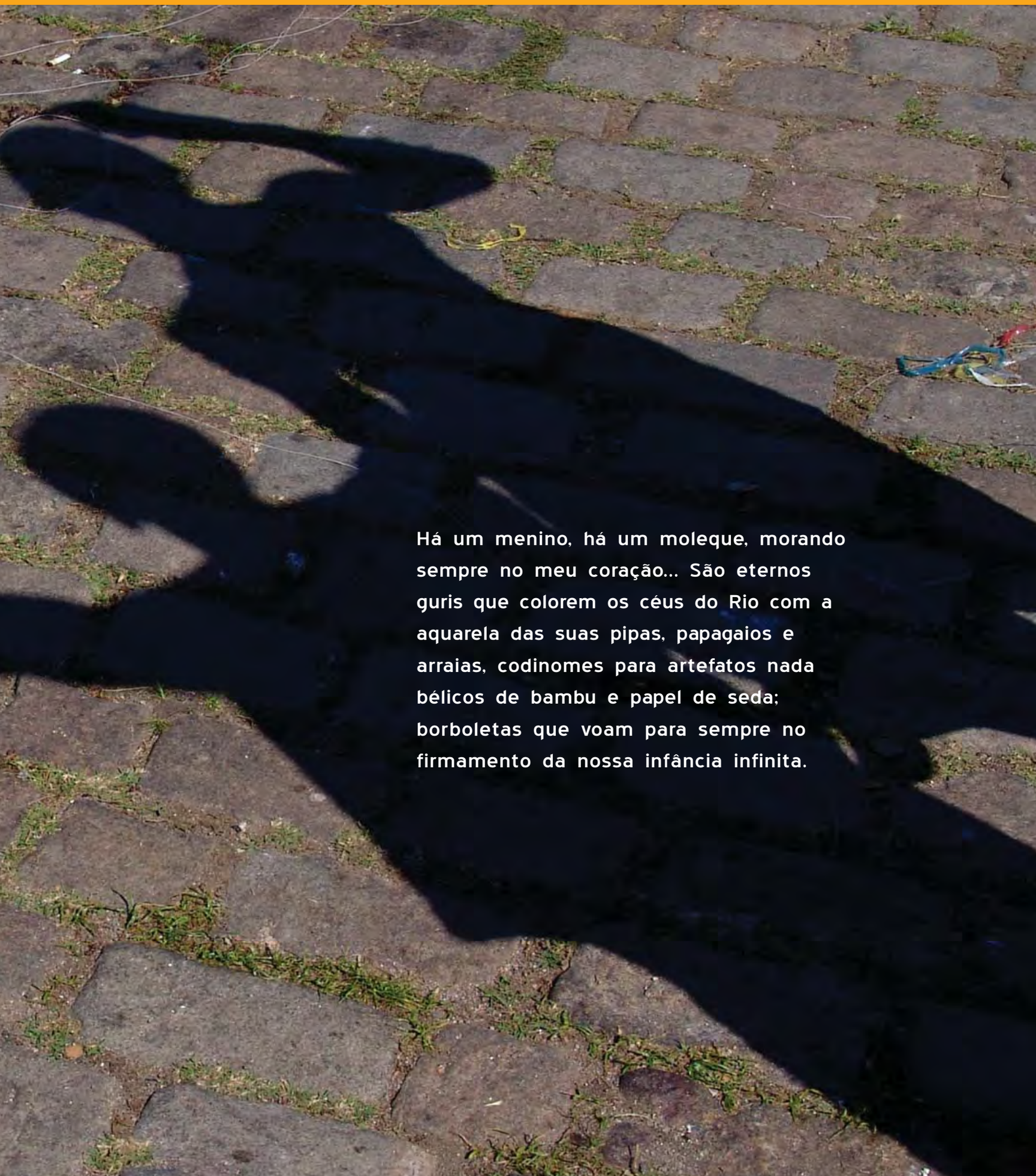
AQUI A INFORMAÇÃO
CHEGA ANTES

ASSINE

Relatório Reservado

INFORMAÇÕES PRIVILEGIADAS QUE
PERMITEM ANTECIPAR MOVIMENTOS

Tá com medo, tabaréu?



Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração... São eternos guris que colorem os céus do Rio com a aquarela das suas pipas, papagaios e arraias, codinomes para artefatos nada bélicos de bambu e papel de seda; borboletas que voam para sempre no firmamento da nossa infância infinita.

A saga das pipas segue o mesmo *script* da humanidade, se repete de pai para filho. Vicente Galaso, proprietário da fábrica de papéis e da rede lojas Vick Pipas, no Mercadão de Madureira, conta que há dez anos se instalou ali, herdando o negócio do pai, Vincenzo, que começou junto com o mercado. "Vendemos de tudo: papéis, linhas, rabiolas, cola, pipas prontas, moldeiras e até latas para enrolar a linha. Só não vendemos cerol, que além de perigoso, é proibido".

Ele mesmo, um apaixonado por pipas, participa de várias revoadas — onde se reúnem os soltadores de pipas. Em Colégio, Piedade, Anchieta e atualmente, num festival quinzenal que acontece no Posto 5 da Barra da Tijuca. É uma experiência completamente nova já que o evento começa às 19h e vai até 4h da manhã. "As luzes da orla permitem que se faça isso e em menos de dois meses já se reúnem mais de 800 pessoas", conta Galaso.

Os eolistas — especialistas em pipas, nome originário de Eólo, Deus dos Ventos —, como Galaso, dizem que a pipa é uma verdadeira terapia e que as histórias nas revoadas se assemelham às dos pescadores. "Estou proibido de soltar pipa em Itaboraí, porque da última vez cortei um coqueiro ao meio que derrubou duas casas", diz rindo.

Galaso conta que hoje vende cerca de 20 milhões de pipas, não só para o Rio, mas para outros estados e, mais recentemente para o mercado externo. "Há três meses seguiram dez mil pipas para a Suíça. O comprador criou um kit

"Há três meses seguiram dez mil pipas para a Suíça. O comprador criou um kit com linha, pipa e rabiola, embalado em um saco com imagem da Cidade Maravilhosa e o nome Pipas do Brasil"

Vicente Galaso,
especialista e comerciante de pipas

Poesia suspensa no ar

A força lúdica da pipa sempre atraiu adeptos, raros foram aqueles que não empinaram papagaios nos seus dias de meninos e até mais velhos. João do Rio soltava pipas no Morro do Senado. O grande músico Pixinguinha contava com enlevo das pipas que soltava na Piedade. E acrescentava com orgulho que ele mesmo as fazia com muita arte, caprichando nos formatos. Da série de ilustres, Sinhô quando conseguia escapar da vigilância paterna e da flauta que ele lhe impunha, perdia-se pelas ruas da Saúde soltando pipa. E quem sabe a inspiração do artista plástico Candido Portinari, com sua série de telas de meninos soltando pipas, não tenha sido uma reminiscência de sua infância?

De tal forma se incorporou à vida da cidade que chegou a ser oferecida como troféu de festival de cinema, a Gaivota de Ouro. Em 1965, a Secretaria de Turismo do Estado da Guanabara premiou com um milhão de cruzeiros o criador da gaivota que simbolizava Copacabana, com o desenho das ondas pretas e brancas.

Uma das telas da série de Portinari com meninos soltando pipas: reminiscência de sua infância?

com linha, pipa e rabiola, embalado em um saco com imagem da Cidade Maravilhosa e o nome Pipas do Brasil".

Hoje, no Rio, cerca de cinqüenta mil pessoas vivem de fazer pipas. É um pouco o que se dá com Wagner Soares, que desde os oito anos aprendeu a fazer pipas e passou a vendê-las. Atualmente com cinco filhos, todos amantes de pipas como o pai, eles engordam o orçamento doméstico ajudando na confecção das mesmas.

"Hoje é mais fácil fazer pipas. Quando eu comecei não havia as moldeiras de madeira. Tinha que ter habilidade para montar as armações de varetas de taquara ou bambu, colar as folhas de papel de seda, fazer a rabiola. Agora já tem tudo pronto. Até papéis decorados!", conta Soares.

Criação atribuída aos chineses 200 anos antes de Cristo, a pipa chegou aqui pelas mãos dos portugueses, lá pelos idos de 1596. E como o sonho do homem sempre foi voar e suas referências eram as aves e as pipas, esse artefato ajudou, entre outros, ao célebre Santos Dumont em seus primeiros experimentos. O pai da aviação construiu um conjunto de pipas-caixas, colocou um motor e conseguiu voar.

Compradas prontas ou feitas em casa, as pipas continuam a povoar o imaginário de várias gerações e ser garantia de muita diversão. "Fazer a pipa dibicar — mergulhar em direção ao solo — é o sonho do bom empinador. Levá-la quase até o chão para dar mais linha e fazê-la voltar a subir. É a glória!", finaliza Wagner Soares, que demonstra nas páginas seguintes o passo a passo da fabricação de uma pipa.

“Fazer a pipa dibicar – mergulhar em direção ao solo – é o sonho do bom empinador. Levá-la quase até o chão para dar mais linha e fazê-la voltar a subir. É a glória!”

Wagner Soares,
empinador e fabricante de pipas

Manual do pipeiro - versão resumida

Colaboração: Vick Pipas (www.vickpipas.com)

Material:

- Moldeira de madeira
- Três varetas de bambu – duas de 32cm e uma de 40cm
- Pelo menos uma folha de papel de seda colorido
- Um carretel de linha número 10
- Uma lata ou outro objeto em que você possa enrolar a linha
- Cola branca
- Tesoura de ponta redonda, régua e caneta

Coloque as três varetas sobre a moldeira. A vareta maior, aquela que mede 40 centímetros, vai formar o eixo vertical da pipa. As duas menores, de 32 centímetros, vão formar os eixos horizontais. Com uma caneta, marque um risco bem no meio de cada uma das duas varetas menores. Em seguida, faça um talho nesse lugar com a tesoura. Isso vai ajudá-lo na hora de amarrar as varetas. Pegue a vareta maior e, com a ajuda da régua, faça duas outras marcações: a primeira a 6 centímetros da ponta superior e a segunda a 21 centímetros, isto é, 15 centímetros abaixo da primeira marcação.

Com a linha número 10, comece a amarrar a primeira vareta de 32 centímetros na primeira marca do eixo vertical. Olhe o risquinho antes para que a vareta fique bem centrada! Desça a linha dando voltas – bem apertadas – na vareta vertical e amarre a segunda vareta horizontal na segunda marca do eixo vertical. Faça um pequeno talho em todas as pontas das varetas com uma tesoura para amarrar a linha no contorno da armação. Contorne a armação com a linha, passando por todos os talhos das extremidades, mantendo-a bem esticada e firme. Certifique-se de que a estrutura esteja bem centralizada. Amarre bem firme na ponta de baixo e deixe 1,5 metro de linha de sobra para fazer a cauda (rabiola). A estrutura da pipa está pronta.

O próximo passo é encapá-la. Com a tesoura, corte uma folha de seda no formato de sua armação, deixando 1,5 centímetro de sobra para poder colar. Passe cola na frente das duas varetas do eixo horizontal. Cole a armação sobre o papel. Passe cola na borda do papel (aquele 1,5 centímetro que sobrou) e dobre-a sobre a linha, mantendo o papel bem esticado. Pronto, sua pipa já está encapada!

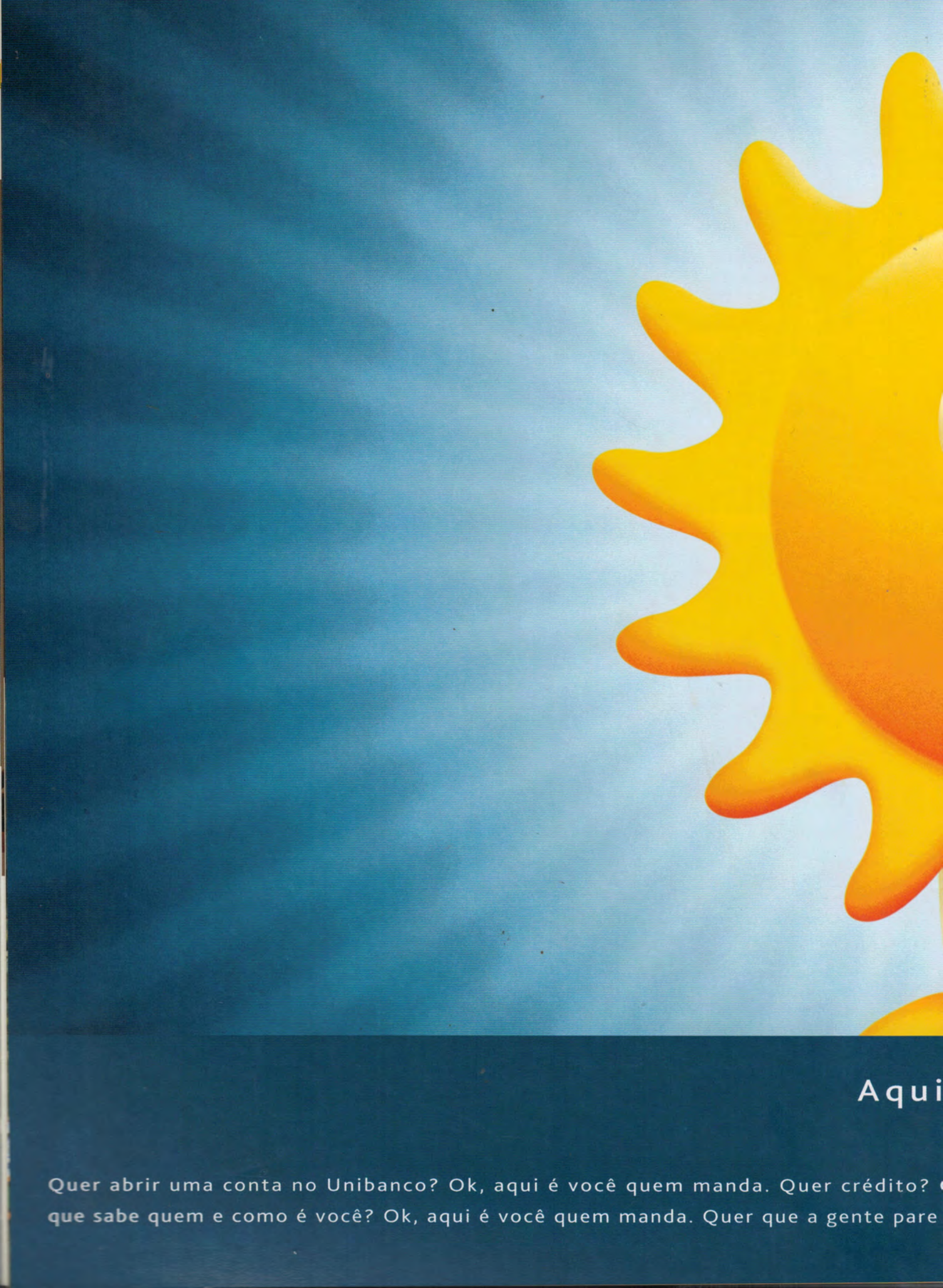
Wagner Soares, empinador e fabricante de pipas, é quem ensina o passo-a-passo

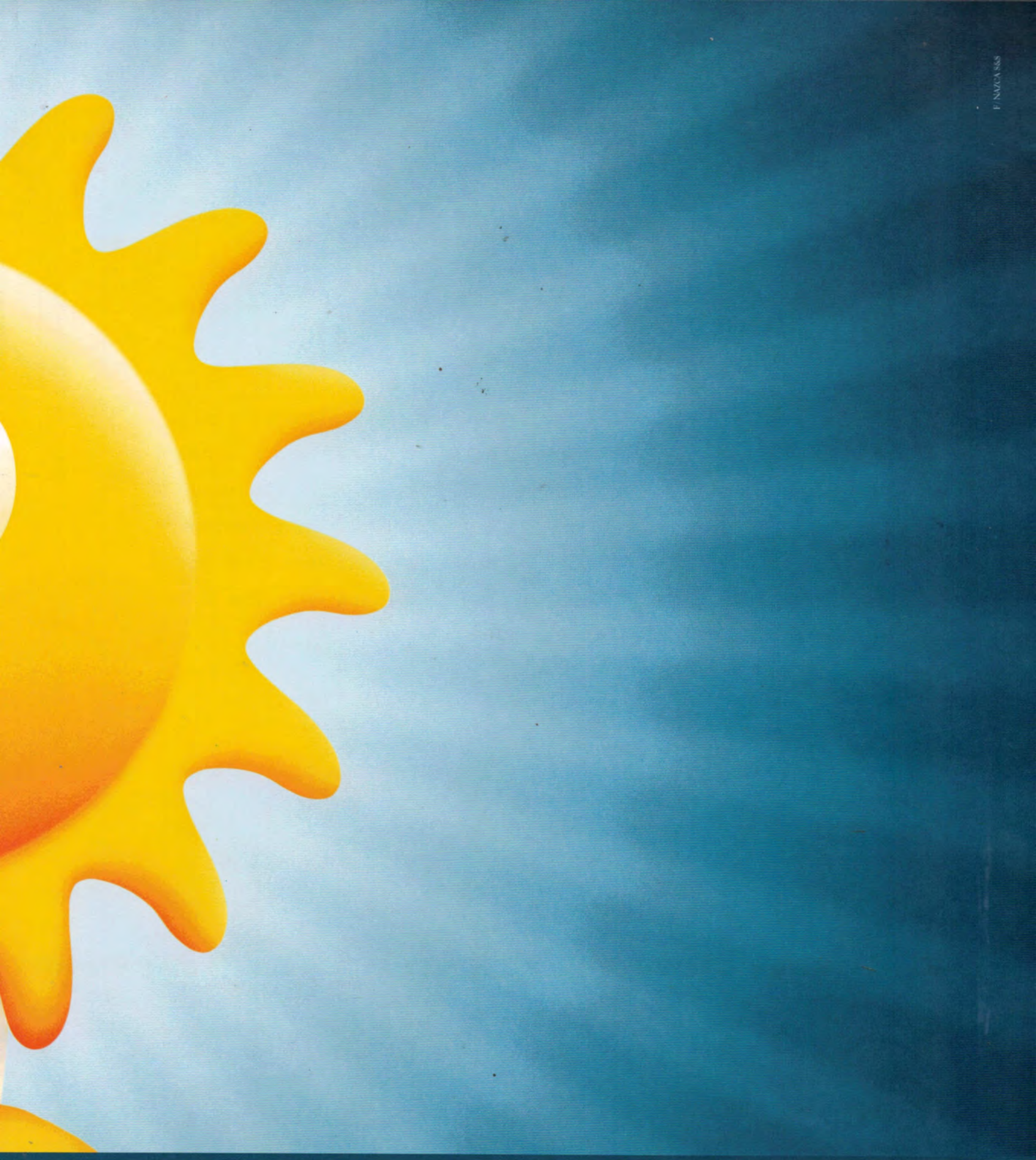
Agora, solte a imaginação. É hora de decorar a sua pipa. Recorte pedaços de papel de seda colorido e faça colagens variadas. Vale tudo: as primeiras letras do seu nome, dois olhos e um sorriso, formas abstratas. Você só não deve exagerar na cola para que a pipa não fique pesada.

A cauda dá estabilidade à pipa durante o vôo. Existem três tipos: rabiola, de tiras e corrente. Para a nossa, faremos uma rabiola: abra um saco de lixo como se fosse uma folha de plástico. Enrole o plástico como se fosse um canudinho. Com a tesoura, corte-o em tirinhas de 1,5 cm de largura e 40 cm de comprimento. Desenrole e prenda-as na linha de carretel. Amarre as tiras, uma por uma, na linha que sobrou na ponta de baixo da pipa, distantes cerca de 10 cm uma da outra. O nó precisa ser feito na linha para que as tiras não escorreguem durante o vôo. Faça a laçada e passe a tira por dentro, até ficar metade para cada lado. Depois, é só apertar o nó.

Só faltou o cabresto, isto é, as duas linhas que prendem a armação à linha do carretel. Sua função é manter a pipa num ângulo de 30 graus em relação ao vento. Corte um pedaço de linha de 50 cm de comprimento e amarre uma ponta na extremidade inferior do eixo vertical da pipa. Antes de amarrar a outra ponta, faça um laço frouxo no meio da linha do cabresto. Prenda a outra ponta da linha firmemente no ponto de encontro entre as varetas vertical e horizontal superior. Amarre a linha do carretel ao laço que você fez antes no cabresto. O laço vai ajudar a linha do carretel a não deslizar pelo estirante.

Pronto, você já pode bater asas e voar com sua pipa sobre o Rio de Janeiro.


Aqui
Quer abrir uma conta no Unibanco? Ok, aqui é você quem manda. Quer crédito?
que sabe quem e como é você? Ok, aqui é você quem manda. Quer que a gente pare



F/ NAZCA S&S

ei.

m manda. Quer um gerente
é você quem manda? Ok.

UNIBANCO
Nem parece banco.

Festa de bamba

As famosas festas de Tia Ciata e Tia Bebiana, nos quintais de suas casas na Praça Onze, serviram para espalhar a semente do samba por todo o Rio de Janeiro, e ainda hoje as comemorações de bambas honram a antiga tradição. Boa comida, samba de primeira, cerveja gelada e grandes amizades são os ingredientes perfeitos para esses encontros regados a alegria. "Prepara a barriga, macacada, que a bóia tá enfezada e o pagode fica bom, fica bom, fica bom..."

Do aniversário de 60 anos de Zé Luiz do Império, festejado no Pagode da Tia Doca, passando pelo Cafofo da Surica, também em seu aniversário, até uma festa no Clube Guanabara que reuniu a fina flor do samba, tivemos momentos de puro deleite.

A produção quase cinematográfica que antecede os festejos é indescritível. O aroma dos temperos logo conduzia aos caldeirões, que no fogo anunciavam um daqueles famosos banquetes promovidos por grandes quituteiras. Para uma feijoada, *pièce de resistence* dos encontros, os números são sempre grandiosos: mais de 20 quilos de feijão, 70 molhos de couve, 30 quilos de carne seca e mais 30 de costelinha, dúzias de laranjas e por aí vai.

Mas os quitutes não páram por aí. Quilos e quilos de carne e muito carvão abastecem o churrasco. Além de tira-gostos feitos com jiló ou frango. O doce perfume da sobremesa nos levou a

Mais de 20 quilos de feijão, 70 molhos de couve, 30 quilos de carne seca e mais 30 de costelinha, dúzias de laranjas e por aí vai. Mas os quitutes não páram por aí. Quilos e quilos de carne e muito carvão abastecem o churrasco

Toninho Geraes e Tia Surica

Zé Luiz do Império (de pé) e seus convidados

As guloseimas chegaram às mesas. Todas com gosto de pecado. Os músicos e as pastoras, que já haviam almoçado, começaram a esquentar os instrumentos. O samba tem início. E como não pode faltar a uma boa festa de bamba surgem os acordes de "Pecadora"

caldeirões onde se encontravam douradas rodelas de bananas. Para beber muita cerveja gelada, é claro, e incontáveis batidas.

Festa para Zé Luiz do Império

No aniversário de 60 anos de Zé Luiz do Império, autor de sambas maravilhosos como "Todo menino é um rei", chegamos, como previsto, à hora do almoço. O tempo incerto anunciava a chuva que logo cairia, forte. Mas isso não foi problema. Aqueles que estavam nas mesas de fora da cobertura abriram seus guarda-chuvas e a festa seguiu normalmente. As guloseimas chegaram às mesas. Todas deliciosas. Os músicos e as pastoras, que já haviam almoçado, começaram a esquentar os instrumentos.

O samba tem início. E como não pode faltar a uma boa festa de bamba surgem os acordes de "Pecadora" (Jair do Cavaquinho e Joãozinho Pecadora), "Vai pecadora arrependida/Vai tratar de sua vida...". O samba esquenta. Seguem cantando "Quero seu amor criola" (D. Ivone Lara), "Mas quem disse que eu te esqueço" (D. Ivone Lara e Hermínio Belo de Carvalho), "Samba, agoniza mais não morre" (Nélson Sargento) e muitos outros que não podem faltar a uma boa festa de bamba.

Zé Luiz era o verdadeiro menino-rei recebendo inúmeros amigos que não pararam de chegar tarde e noite adentro. O clima era de total confraternização e todos eram muito bem vindos. De Tia Surica, amiga de infância de Zé Luiz, a Délcio Carvalho, não faltaram grandes nomes ao regabofe.

No Cafofo da Surica

Algum tempo depois, pudemos conhecer o famoso Cafofo da Surica. Quem não se lembra da letra de Tereza Cristina: "David no pandeiro/ Casemiro na cuíca/Olha a festa já vai começar/ No Cafofo da Surica"? Ela recebe carinhosamen-

Nei Lopes (ao centro) em roda de bambas no Clube Guanabara

Paulão 7 Cordas, Tia Surica e Cristina Buarque de Hollanda

Tia Surica nos recebe carinhosamente e nos leva a conhecer sua casa, numa vila de Madureira. Lá está na sala a placa de madeira entalhada, onde se lê "Cafofo da Surica, uma casa portelense"

Luiz Carlos da Vila e Cláudio Jorge

te e nos leva a conhecer sua casa, numa vila de Madureira. Lá está na sala a placa de madeira entalhada, onde se lê "Cafofo da Surica, uma casa portelense".

Mais adiante ela nos apresenta as suas "secretárias", que já estão em plena função na cozinha. O compositor Toninho Geraes oferece torresmos maravilhosos e, pouco depois, serve um galo — preparado por ele — de sabor indescritível. Por diversas mesas espalham-se inúmeros convidados. Alguns vindos de São Paulo para homenagear a pastora, que antes do jantar nos apresenta uma de suas especialidades: jiló recheado com lingüiça. É difícil descrever, o sabor é sublime. E a feijoada e a cerveja gelada, claro, não podem faltar. Uma verdadeira ode ao colesterol! A noite está só começando e promete. Chegam Paulão 7 Cordas, Cristina Buarque de Hollanda e muitos outros fiéis companheiros de Surica.

Roda de samba no Guanabara

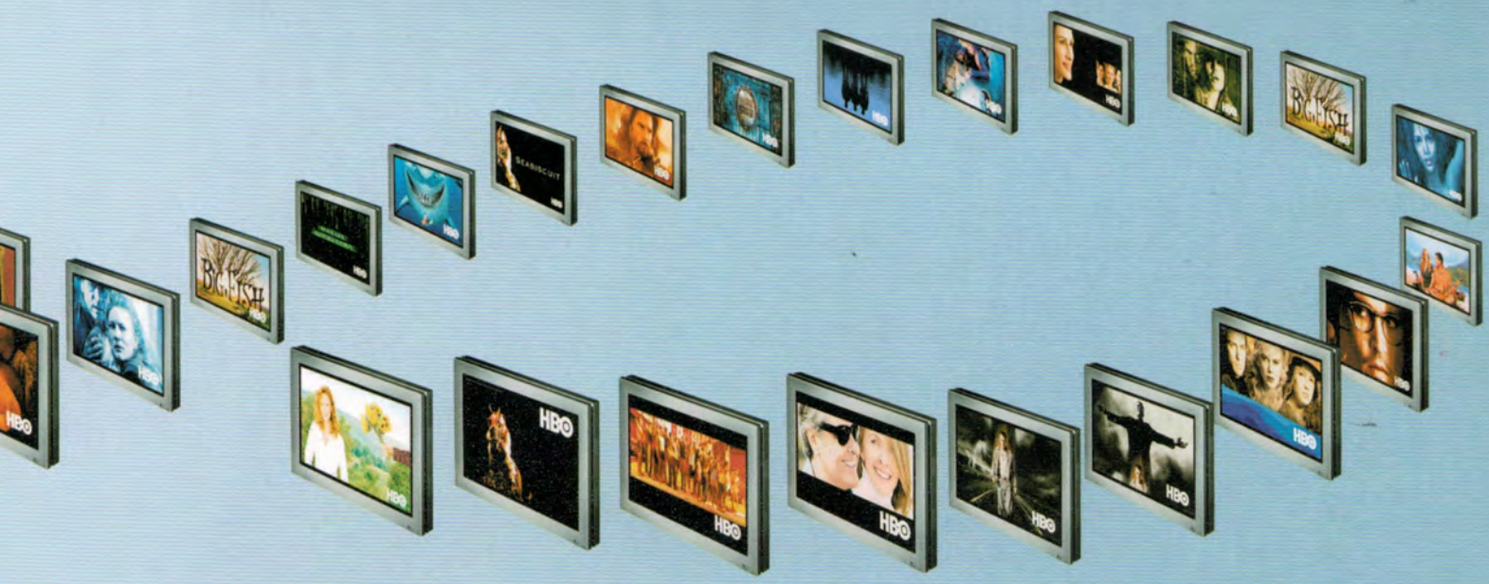
Encerrando a temporada dionisíaca, vamos a uma festa de confraternização no Clube Guanabara, numa sexta-feira à tarde. Debaixo de um céu azul e à sombra de amendoeiras, o churrasco, os petiscos e a cerveja gelada embalam muitas brincadeiras e músicas de amigos de longa data: Nei Lopes, Luiz Carlos da Vila, Paulo César Pinheiro, Luciana Rabello, Cláudio Jorge, Ruy Quaresma, Nilze Carvalho, Camila Costa, Tereza Quaresma, Fábio Salek, Sílvio Carvalho.

A nobreza do samba desfila incontáveis sucessos e histórias saborosas. Mas é hora de ir embora e levar saudades desses momentos de pura alegria que só o Rio pode oferecer.

Reunimos o canal mais famoso do mundo com a TV sem limites. Isso significa que agora você pode assis
a programação da HBO® com recursos exclusivos: acessar sinopses na tela, trocar idioma e legenda, pausar
para atender o telefone, gravar digitalmente um programa enquanto acompanha outro e muito mais. O conte
é mais uma vantagem que a SKY leva para todo o Brasil, com qualidade digital de som e imagem e mais de 15

cinemax cinemax + HBO HBO + HBO Family HBO Family + HBO plus HBO plus + max prime

na SKY. Você nunca viu um encontro como esse nas telas. Nem de cinema, nem de TV.



NEOGAMA/BBH

HBO®, HBO® Plus, HBO® Family, Cinemax®, Max Prime™ and HBO/Max Digital are service marks of Home Box Office, Inc. © 2005 HBO Ole Partners. All right reserved. *Custo de uma ligação local. **Para demais localidades ligue (0XX) 11 4004-2868 e confira o custo da ligação de sua operadora local. Confira os pacotes que possuem os canais HBO®.

HBO

Assine SKY. Ligue 4004-2868* para capitais e regiões metropolitanas** ou acesse www.skytv.com.br.

TV sem limites SKY+

adoráveis vacabundos

Hugo Carvana e Martha Alencar podem tanto ser um whisky on the rocks, quanto uma caipirinha, ou guiçá um chopp garoto, desde que vitaminados com bons tiragostos e conversa de boa cepa. Casal que honra a lendária boemia carioca, eles a trazem de regresso a cada evocação da palavra divertida e dos trejeitos bem humorados. Carvana e Martha acendem qualquer papo. São estrelas faiscantes das 1001 noites do Rio de Janeiro.

Marina e seu irmão Arduíno, no dia em que chegaram ao Brasil, em 1948, indo morar no Parque Lage

Hugo Carvana — Nasci no Lins de Vasconcelos, na rua Dona Romana. Entre o Grajaú e o Engenho Novo, e costumava passar as férias no Engenho de Dentro, na casa de um tio. Com dezoito anos, vim para a zona sul.

Martha Alencar — Sabe que nasci no Ceará, em Fortaleza? Vim para cá com três meses de idade. Nos primeiros tempos, morei numa transversal da rua Itapiru, no Rio Comprido, mas ainda muito pequenininha, mudei para Botafogo. Depois vivi em Copacabana, na Gávea, em Ipanema. E conheci o Hugo, nos anos 60, na noite de Ipanema e de Copacabana. Nessa época já trabalhava em O Globo. Fiquei lá por cinco anos e saí para fazer um jornal-escola chamado O Sol, depois veio o JB. Nunca fui do Caderno B, mas escrevia para ele, como para todo o jornal. A pesquisa produzia todos os *features* para o jornal.

Hugo — Mas você tinha uma coluna de moda no Globo que era muito lida, principalmente pelas noivas. A Martha costumava desenhar modelos...

Martha — É, eu era desenhista de moda.

Hugo — ...para leitoras que escreviam cartas para ela. (Riem)

Martha — Na verdade, eu não tinha nada a ver com moda. O que aconteceu é que estava procurando um trabalho. Um dia, apareceu um anúncio no jornal dizendo: precisamos de alguém que traduza, que escreva, desenhe. Uma daquelas coisas absurdas! Me encaixei, desenhava, escrevia em francês e inglês. Me apresentei e assim fui trabalhar para a Socila. Fazia as colunas da Maria Augusta para alguns jornais. E o Globo acabou comprando meu passe. Fazia as bonequinhas de moda. Com o tempo fui me dedicando mais à edição, fui me apaixonando por jornalismo.

Hugo — Vou dizer por que a Martha parou de fazer esses desenhos. (Riem)

Martha — Eu odiava!

Hugo — Um dia, respondendo a uma leitora, dando conselhos de como fazer para ficar bonita, disse: "De manhã, entre a hora tal e a hora tal, vá para a praia, se bronzeie, depois passe o creme não sei o quê. À tarde, vá fazer massagem não sei que lá, no final da tarde vá ao pedicure". Na época, o Stanislaw Ponte Preta, tinha uma seção numa coluna chamada Crítica dos Críticos. E ele escreveu: "Aí, Dona Martha, incentivando a vagabundagem!" (Riem)

Martha — Tinha aquelas coisas de linguagem de moda: a gente inventava essas palavras, "use um decote vertiginoso para mostrar seu bronzeado conquistado a duras penas!" (Riem)

Hugo — E o Stanislaw: "Bronzeado conquistado a duras penas, Dona Martha?" Logo se vê que eram dias melhores!

Martha — Não sei se o Rio era melhor ou a idade era melhor. Sempre fica essa coisa: ah, o Rio do meu tempo... Na verdade, era essa coisa da disponibilidade. Realmente era uma cidade muito mais gregária. Você sabia onde ir para encontrar os amigos. Onde encontrei o Hugo, por exemplo, no Fina Flor do Samba do Opinião. Ia-se ao Jangadeiros, ao Zepellin, à praia, na Montenegro. Até hoje custo a chamar de Vinicius de Moraes. Tenho que me policiar porque chamar de Montenegro é uma bandeira! (Riem)

Hugo — Nunca mais vai ser Vinicius, embora adore o Vinicius! Até acho legal terem colocado o nome dele na rua, mas o subconsciente não nos deixa dizer Vinicius de Moraes. A gente se viciou em Montenegro. Não foi uma rua, foi uma estrada por onde a gente andou, caminhou.

Martha — Um dia de sábado na Montenegro... Era um dia que se estendia — a praia, depois da praia, esticada no bar, o Garota, Veloso na verdade. Tinha a tribo que não ia muito na areia.

Hugo — Botava o calção, mas não chegava na praia.

Martha — Temos um amigo, o Paulo Garcez, que ficava indignado com a praia, elegantemente vestido de *blaiser* e dava bronca nos amigos: "Levanta daí, que coisa ridícula! Um calor desgraçado! Vamos para o bar, conversar!"

Hugo — "Vamos para o Antonio's, que é refrigerado!"

Martha — Eu e Hugo nos conhecemos no Fina Flor do Samba.

Hugo — Não, no Samba do Opinião. O Fina Flor do Samba era no Teatro Jovem. Às segundas-feiras, no Teatro Opinião, era o grupo que sucedeu o Teatro de Arena de São Paulo, que, quando veio para o Rio de Janeiro, se instalou lá, naquela galeria da rua Siqueira Campos. O grupo do Arena se dissolveu. Alguns foram embora, e outros resolveram montar um show cha-

mado Opinião com Nara Leão, Zé Kéti, João do Valle. O sucesso foi tão grande que o grupo passou a se chamar Opinião. Então eles resolveram transformar esse espaço num centro cultural. Acho que eles foram os precursores nisso, pelo menos no Rio Ou seja, deixava de ser um espaço somente de espetáculos teatrais para ser multimídia. E criaram um barzinho, onde toda segunda-feira, eles chamavam músicos para fazer uma apresentação, o chamado Samba do Opinião.

Martha — Acabava que era uma convivência enorme entre os freqüentadores e o Zé Kéti, Nelson Cavaquinho, Cartola.

Hugo — Foi aí que surgiu Paulinho da Viola, Nei Lopes.

Martha — E depois se desdobrou no ZiCartola.

Hugo — Já a conhecia do jornal, mas pessoalmente a gente se conheceu nessa época.

Martha — Na verdade, a gente já se conhecia de se cruzar por aí, eu, como jornalista e ele como ator.

"Não sei se o Rio era melhor ou a idade era melhor. Sempre fica essa coisa: Ah, o Rio do meu tempo! Na verdade, era essa coisa da disponibilidade. Realmente era uma cidade muito mais gregária. Você sabia onde ir para encontrar os amigos"

Martha Alencar

Hugo — Depois do show Opinião, eles montaram Liberdade, Liberdade. Foi o maior sucesso do Grupo Opinião. Era um belo grupo. Isso era em 1965, 1966 e durou até 1968. Depois do AI-5, houve um racha político nessa geração muito forte, e esse grupos acabaram se dissolvendo. Alguns foram para a clandestinidade, outros desbundaram, outros continuaram no partido comunista. Alguns foram para a televisão, criaram programas, fizeram sucesso, como Ferreira Gullar, Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa...

Martha — Paulo Pontes.

Hugo — O Antonio Carlos Fontoura. A ditadura, entre outros males, acabou com um grupo de pessoas que tinham uma afinidade ideológica e cultural muito forte, mas que a política separou.

Martha — Nessa época eu estava no JB. Ao mesmo tempo, passei a ter uma militância política. A situação estava difícil, me procuraram no jornal, em casa. Antes que acontecesse alguma coisa, saímos correndo, eu e Hugo. Isso foi em 1969. Fomos para Paris e ficamos bem pouco tempo.

Hugo — Quase um ano.

Martha — Até achar que podíamos voltar. Já tínhamos nosso primeiro filho, João, que era bem pequeno. Ele teve que ficar no Brasil. Algum tempo depois, minha mãe o levou para nos encontrar.

Hugo — Enquanto a gente estava morando em Paris, eu fiz um filme na África. Na volta, a gente combinou, como eu não tinha problemas, quer dizer, não era perigoso, combinei com a Martha de voltar...

Martha — E nem eu! (Riem)

Hugo — Eu sempre fui mais anarquista, ela era mais... Vim ao Rio conversar nosso advogado, o Marcello Alencar, para que ele fizesse um quadro da situação dela. Ele me disse: "Olha, Carvana, teoricamente existem pessoas mais

"Naquela época, a gente não ia ao botequim só para beber, mas para chorar, para se lamentar da vida, da mulher que abandonou, da nova paixão, do Brasil que a gente queria construir"

importantes. Se vocês quiserem voltar, voltem. Mas combinem um jeito de voltar, levando pessoas para o aeroporto porque se por acaso ela for presa, imediatamente a gente fica sabendo. Mas não há nada. Ela é quinto escalão".

Martha — Vigésimo! (Riem)

Hugo — E enfrentamos o desafio de voltar. Um grupo de amigos foi ao aeroporto nos esperar, mas passou! Ela foi presa só depois no Pasquim!

Martha — Muito depois! (Riem) E os caras nem sabiam que era a mesma pessoa.

Hugo — No Pasquim ela ficou responsável pelo jornal, quando da prisão deles todos. Eles foram lá também prendê-la. Só que ela já estava grávida da minha filha, Maria Clara. Ficou um dia na cadeia.

Martha — Não aconteceu nada de grave. Estava grávida, houve uma certa reação. Soube depois que o general Hugo Abreu falou: "Manda soltar".

Hugo — Logo que voltei da Europa, o Jabor me chamou para fazer um filme na Bahia, o Pindorama. O assistente de direção era o Antônio Calmon.

Martha — Isso em 1970.

Hugo — Ficamos muito amigos e resolvemos criar uma empresa para produzir cinema. Nessa época, por coincidência, nascia a Embrafilme, que no início se destinada a fomentar a produção cinematográfica. E ele já tinha experiência como curta-metragista com prêmios.

Martha — Tinha sido assistente do Glauber em "Terra em Transe".

Hugo — Ele tinha um roteiro chamado "Capitão Bandeira contra o Doutor Moura Brasil". Submetemos o roteiro à Embrafilme e foi aprovado. Fizemos, então, nosso primeiro filme. E acabou sendo o primeiro e o último. (Riem) É um filme que gosto muito, mas que criou uma falsa expectativa no público, em função do nome. Era a época da maconha, que naquele momento se tornara um elemento forte na cultura de comportamento. E o título induzia as pessoas a acharem que o Bandeira era alguém ligado às drogas, mas na verdade o filme era sobre a crise existencial desse homem. Era bom, mas se tornou intelectual, vamos dizer assim. Para nós foi um baque artístico e financeiro muito forte. Depois disso nos afastamos. Ele foi para a Bahia e eu fiquei no Rio e resolvi escrever um roteiro com meu querido parceiro, Armando Costa, sobre um personagem que aparecia como um espectro no filme "Capitão Bandeira".

Martha — O doutor Gestalt. (Riem)

Hugo — Era um personagem maluco, que não tinha nome, não tinha carne, só comportamentos. Ele era um maluco beleza. Não era deprê. Esse personagem se destacou no filme por ser alegre. Eu e Armando botamos circulação sanguínea nele. E aí escrevi o roteiro de "Vai Trabalhar Vagabundo", que não pretendia dirigir. Quando terminei de escrever, comecei a ver que qualquer um poderia dirigir aquele filme, mas não ia

"A gente senta aqui, no Parque Lage, numa manhã iluminada dessas, começa a falar das pessoas... Já dá vontade de ir para o Veloso, para o Jobi, tomar um chope, de ir para o Jardim Botânico, ver o pôr-do-sol na praia"

dirigir como eu via. Então, comecei a ficar com ciúmes e com raiva de mim mesmo. Nunca tinha dirigido Esse era um desafio para mim. E acabei conseguindo, depois de muito trabalho, reunir um grupo de amigos que se cotizaram para produzi-lo. O filme é uma loucura, passados trinta anos as pessoas ainda falam. Até eu fiquei surpreso com a reação ao filme.

Martha — É um filme que durante muito tempo foi a pura expressão da carioquice. Quando você falava em carioca, lembrava do filme.

Hugo — Já tinha havido um filme anterior, nos anos 60, que era também a alma do Rio de Janeiro: "Todas as Mulheres do Mundo". "O Vagabundo" era um parente desse filme. Em "Todas as Mulheres" tinha Leila. E ela era a alma carioca, também. Aquele malandro não existe mais. Ele não tinha compromisso com nada, a não ser com a vida, com a alegria. Ele se recusava a trabalhar, a ter ideologia, amor, porque amava a todos. Não era o amor a um. A força dele é porque existiu num tempo de repressão.

Martha — E rir era uma forma de rebeldia.

Hugo — Numa época em que as pessoas eram presas o filme começava com o cara sendo solto! Isso tinha uma simbologia muito forte! Não pensei nisso quando fiz o filme. O filme acabou tendo uma importância que nem eu supunha. Para as pessoas daquela época foi uma lufada de vento. Os filmes eram todos dramáticos, calados porque não se podia falar. E aparece um filme maluco, alegre, divertido, solar! Pronto!

Martha — Foi um sucesso.

Hugo — E foi minha salvação. Com o prejuízo que havia tido no primeiro, pude quitar minhas dívidas com o segundo. (Riem)

Martha — Hoje acontece uma coisa engraçada. O Rio para nós é trabalho. Claro, que tem momentos de prazer, mas o Rio é durante a semana. Assim que dá a sexta-feira, vamos para Itaipava.

Hugo — É lá que saio, bebo com os amigos...

Martha — O prazer está lá, o botequim...

Hugo — De vez em quando a gente vai a algum boteco aqui. Deixa eu explicar: naquela época, o botequim — e fiz depois um filme chamado "Bar Esperança", que retratava isso — era a taba da tribo. A gente não ia ao botequim só para beber, mas para chorar, para se lamentar da vida, da mulher que abandonou, da nova paixão, do Brasil que a gente queria construir.

Martha — Era um divã! Não precisava marcar encontro, era como se soassem os tambores a um determinado momento.

Hugo — O botequim era um útero, um lugar onde a gente se abrigava. Com o advento da droga, os bares foram perdendo essa característica. Começou a haver a tensão da espera do vapor. O papo descontraído começou a perder a força. O que antes eram campos de amor, de prazer, começaram a ser de tensão. Aí, começamos a nos afastar. O Bar Esperança hoje? Não existe mais. Depois veio o barulho, a música! Hoje, os bares são redutos de aeróbica!

Não é isso? (Riem) No meu tempo era para sentar na cadeira.

Martha — De exibição narcísea!

Hugo — Não ficar pulando que nem macaco! (Riem) E a gente ainda resistiu! Não abro mão do meu uísque até hoje. Nos anos 80, para mim e para outros, queríamos reencontrar o nosso boteco. Nessa época, foi criada a Cobal do Leblon. E todo sábado as mulheres exigiam que os maridos as acompanhassem para fazer as compras. É evidente que os maridos iam, sempre a contragosto, mas iam. Depois de meia hora insuportável, a mulher escolhendo um tomate por quinze minutos, você parado, segurando um carrinho em pé, que nem um babaca e ela examinando cenoura por cenoura... Então, descobri um boteco cuja especialidade era a cachaça, o Arataca.

Martha — Ficava ao lado de uma banca de ovos. (Riem)

Hugo — Sempre dizia: "Martha, não agüento. Vou tomar uma cachaça ali. Naquela época, de repente, aparecia o Tom Jobim com a mulher e também ficava de mau humor. E assim outros amigos, tantos outros. A partir daí, passamos a ir com prazer.

Martha — E a mulher acabava tomando uma cana, porque ninguém é de ferro! (Riem)

Hugo — E acabou que a Cobal se transformou num enorme sucesso. Depois veio a Taberna, o Árabe, o Pizza Parque. Saiu na imprensa...

Martha — Virou moda, virou mania.

Hugo — O Zózimo falava muito. As pessoas porque lêem o jornal, vão.

Martha — A gente já não ficava muito...

Hugo — Isso era vontade de achar um lugar,

"Todo sábado as mulheres exigiam que os maridos as acompanhassem para fazer as compras na Cobal do Leblon. Os maridos iam, sempre a contragosto, mas iam. Depois de meia hora insuportável, você segurando um carrinho em pé que nem um babaca, e ela examinando cenoura por cenoura... Então, descobri um boteco cuja especialidade era a cachaça, o Arataca"

Hugo Carvana

para encontrar as pessoas... João Ubaldo, Tom Jobim, Chico Wanderley, Eric Nepomuceno, José Lewgoy, Antônio Pedro.

Martha — Abel Silva.

Hugo — Chico Caruso, Eliane...

Martha — Há sempre essa procura desse lugar para ficar e os bares. estão passando por reformas, fica tudo muito igual.

Hugo — A facada final foi televisão em bar! (Riem)

Martha — Ainda tem o Jobi.

Hugo — O Jobi ainda é um ponto.

Martha — A reforma do Jobi foi sensata, não perdeu as características.

Hugo — É onde a gente vai no Rio, quando ficamos no fim de semana Quando o Tom morreu, a gente comemorou, no péssimo sentido, lá.

Martha — Essa é uma característica desses boêmios incorrigíveis que somos até hoje. A morte de amigos sempre termina num porre monumental.

Hugo — Foi assim com Vinicius.

Martha — Fica uma coisa interminável. É como uma surra!

Hugo — A partir de um determinado momento a gente se apaixonou pela serra. Já tínhamos morado em Samambaia por dois anos, depois de "Vai Trabalhar Vagabundo". Era uma época de desbunde, a gente resolveu parar um pouco com a loucura. Voltamos ao Rio, mas com a cabeça lá. Em 1990, começamos a construir em Itaipava. E descobrimos o Horto, que é a Cobal de lá. E tinha um barzinho. Uma vez chegamos e encontramos o Jaguar...

Martha — O Geraldo Casé.

Hugo — O que aconteceu? Criamos um novo bar.

Martha — Há alguns anos, eu e Hugo, temos uma empresa de audiovisual. Agora estamos preparando um novo filme, a "Casa da Mãe Joana". É uma comédia e será lançada no início de 2006.

Hugo — O filme é isso. Um grupo de amigos que moram juntos há muitos anos num apartamento, a "Casa da Mãe Joana", porque tudo acontece lá dentro, Na verdade, são casados entre si, sem homossexualismo (Riem). Eu dirijo e faço uma pontinha. Os atores são José Wilker, Antonio Pedro, Arlete Sales, Luma de Oliveira...

Martha — Pedro Cardoso, Laura Cardoso, Agildo Ribeiro...

Hugo — Continuo fiel aos meus princípios de amizade. Somos muito gregários. Talvez, isso seja resultado da rua Dona Romana, do Lins de Vasconcelos, do grupo, da patota. Não abro mão dos amigos e de muitos tenho saudades. Tenho saudade física do Tom. Não é só das canções dele, tenho saudades da presença dele. É a turma doce turma que se recusa a se enquadrar. Não inventei isso. O Oduvaldo Vianna Filho, antes de morrer, escreveu algumas obras-primas. Uma foi "Rasga Coração". Outra que ele escreveu para a televisão foi "Turma Doce Turma". Nunca mais esqueço desse seriado. Esse filme é uma homenagem minha, pessoal, interna, à lembrança do "Turma Doce Turma" e do Vianna. A alegria é um bom elo para reunir pessoas. Você não consegue se unir com pessoas bodeadas. De pessoas alegres, você sente falta. E esses amigos do filme são intrinsecamente alegres.

Martha — O interessante é que às vezes somos chamados pelo Rio. A gente fecha o dia de trabalho e de repente a gente senta aqui, no Parque Lage, numa manhã iluminada dessas, começa a falar das pessoas. Já dá vontade de ir para o Veloso, para o Jobi, tomar um chope, de ir para o Jardim Botânico, ver o pôr-do-sol na praia. A cidade te captura num momento.

Hugo — E é uma cidade linda, uma cidade generosa.

Martha — Não há lugar melhor do que aqui.

Paschoal Segreto

E o show nunca mais parou

por William de Souza Nunes Martins

O jovem imigrante italiano que aportou no Brasil em 1883 mudou definitivamente a feição do Rio de Janeiro. A extensão de seu império do entretenimento teve a consagração definitiva em uma charge publicada, em 1910, pela revista Fon-Fon, que anunciava a criação do ministério da Diversão. O titular da pasta? Paschoal Segreto, personagem emblemático das folias artísticas do princípio do século.

Os jornais do Rio de Janeiro do dia 23 de fevereiro de 1920 traziam nas primeiras páginas a notícia que mobilizou toda a cidade: a morte de Paschoal Segreto. Nos dias seguintes, matérias e fotos sobre o enterro que levou cerca de quinhentos carros e mais de duas mil pessoas ao cemitério São João Batista, em Botafogo. O jornal Correio da Manhã, destacaria na época: "Não há exemplo de enterro tão concorrido como esse, tratando-se de um homem do povo."

De tal monta foi o evento que foi necessário o aparato da polícia e dos bombeiros para organizar a cidade.Isso sem contar com as coroas e grinaldas de flores que precisaram ser encomendadas com urgência da região serrana, já que as da capital haviam se esgotado rapidamente.

Mas quem foi esse personagem de tão grande popularidade?

A família Segreto teve atuação destacada no cenário carioca e brasileiro na virada do século XIX para o XX, posto que, além de introduzir o cinema no país, se tornou proprietária de grande fatia do mercado de diversões públicas no Rio de Janeiro.

A figura de principal destaque na família foi Paschoal Segreto. Nascido em 22 de março de 1868, em San Martin di Cileno, província de Salerno, Itália, decidiu embarcar, em 1883, no vapor *Savoie* que, saído de Marselha, fez escala em Gênova, onde ele e seu irmão Gaetano embarcaram. Após a longa viagem na terceira classe do navio, os irmãos Segreto chegaram ao Rio de Janeiro. Logo que o navio aportou foram enviados para a hospedaria da Ilha das Flores, que recebia os imigrantes recém-chegados.

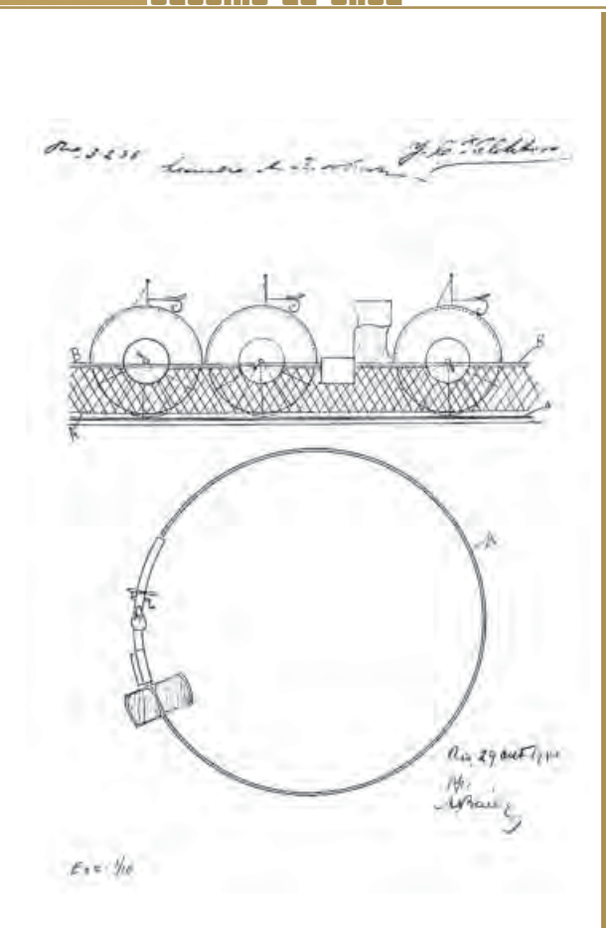
Os dois irmãos ficaram no Rio de Janeiro procurando maneiras para sobreviver na cidade. O início de vida dos italianos foi difícil, Paschoal chegou a ser preso treze vezes enquanto Gaetano passou pela cadeia nove. Um jornalista, na época da morte de Paschoal, afirmou que a vida do empresário havia sido "afinal, uma longa e divertida anedota, desde os tempos em que surgira do nada, do anonimato das ruas, onde a princípio palmilhou como um desocupado".

Enquanto Gaetano foi trabalhar com a venda de jornais, posteriormente se tornando dono do jornal *Il Bersagliere* e um influente membro da comunidade italiana, Paschoal se voltou para o ramo dos divertimentos públicos. O passaporte para o sucesso se daria ao conhecer pessoas influentes do cenário carioca, particularmente, José Roberto da Cunha Salles. Inventor com o maior número de patentes registradas, Cunha Salles tinha invenções bem diversificadas que iam do conhaque destinado à cura de moléstias do

É o que lhe digo... Será creada mais uma pasta. – O ministério dos Divertimentos Públicos.
– E o titular?
– Será o Paschoal Segreto.

estômago e dos intestinos a uma ponte flutuante movida a vapor para carga e descarga de navios. Suas invenções também serviam para a exploração do jogo ilegal, em geral variações do conhecido Jogo do Bicho. Como fachada para os jogos, montava empreendimentos como o Pantheon Ceroplástico, do qual Paschoal foi sócio, um tipo de museu de cera de personalidades da história nacional. O ingresso vinha com um número no verso que dava direito ao visitante de participar de um sorteio. O prêmio, um pôster de um vulto histórico. Caso o cliente não quisesse o pátrio prêmio, o próprio Pantheon se encarregava de trocá-lo por uma quantia em dinheiro.

Mas a sociedade nos negócios não se restringiu ao Pantehon, e mais adiante, eles viram no cinematógrafo uma possibilidade de investi-



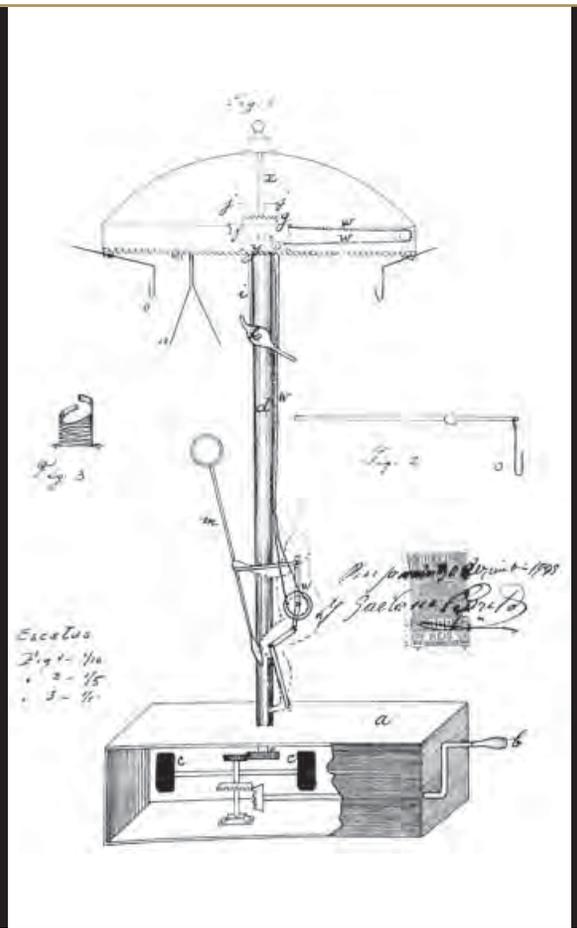
Bicicleta contínua e circular

Os inventos de Paschoal visavam as vantagens pecuniárias que poderiam oferecer e, eram destinados às suas casas de diversão. Paschoal possuía conhecimento dos últimos inventos voltados para o lazer na Europa e nos Estados Unidos e era rápido em registrá-los, para garantir o monopólio de sua exploração comercial por quinze anos

mento. E apenas sete meses após os irmãos Lumière projetarem os primeiros filmes da história, em Paris, Segreto e Cunha Salles apresentaram a nova arte aqui, em 1896. Juntos montaram a primeira sala de exibição permanente do país, localizada no número 141 da cosmopolita rua do Ouvidor. Em 31 de julho de 1897, foi inaugurado o Salão das Novidades, que mais tarde passou a se chamar Salão de Novidades Paris no Rio.

Seguindo os passos de seu mentor, Paschoal Segreto também registrou várias patentes industriais. Ao todo foram quinze, entre elas, mecanismos como os "cavalos higiênicos", a "bicicleta contínua e circular", o "fio aéreo" e "o cartomante". Esse último, aliás, fez grande sucesso com o público. A máquina era feita em dois planos. Ao fundo um cenário onde a cartomancia seria praticada e, no primeiro plano, o cartomante sentado à uma mesa com as cartas. O consulente colocava uma moeda na máquina e o aparelho de relojoaria era destravado, fazendo com que o boneco mexesse a cabeça e passasse as mãos sobre as cartas. Quando terminava a consulta, uma gaveta se abria e de lá saíam profecias, versos para o divertimento do cliente.

Os inventos de Paschoal visavam as vantagens pecuniárias que poderiam oferecer e eram destinados às suas casas de diversão. Paschoal possuía conhecimento dos últimos inventos voltados para o lazer na Europa e nos Estados Unidos e era rápido em registrá-los, para garantir o monopólio de sua exploração comercial por quinze anos.



Pau de Sebo automático

celebrações cívicas e eventos sociais da elite.

Além da importância no campo cinematográfico, Paschoal teve um papel fundamental na montagem de casas de divertimento e no campo teatral. No ramo dos cafés-concerto, um de seus maiores empreendimentos foi a *Maison Moderne,* onde conseguiu agregar várias formas de entretenimento em um só lugar. Localizada na Praça Tiradentes, o estabelecimento era um parque de diversões que contava com galeria de tiro-ao-alvo, roda-gigante, montanha-russa e um pequeno teatro. Lá também eram disputados os célebres torneios de luta greco-romana, além de ser o espaço para os que apreciavam beber. Curiosidade acerca da *Maison Moderne* é que alguns anos antes ela era chamada de *Moulin Rouge*, talvez então pudéssemos dizer que a Praça Tiradentes era o *Montmartre* carioca com direito ao seu próprio *Moulin* com suas belas dançarinas de *can-can*.

No nascente campo cinematográfico, uma das iniciativas mais arrojadas de Paschoal foi enviar seu irmão, Afonso Segreto, para Nova York e Paris para conhecer as novas técnicas e trazer equipamentos para a empresa. Em janeiro de 1898, embarcava Afonso Segreto. Ele retornou ao país em julho do mesmo ano e era então um dos únicos conhecedores das técnicas da produção cinematográfica no Brasil. Na sua estada em Paris, fizera um curso na *Pathé Films.* No retorno, a bordo do paquete Brésil, utilizando os equipamentos que vinha trazendo, fez a primeira filmagem do país, registrando imagens da Baía da Guanabara. Depois dessa experiência, os irmãos Paschoal e Afonso Segreto passaram a registrar regularmente

A *Maison Moderne* era um lugar onde o espectador poderia se divertir a preço módico. No entanto, Paschoal, oferecia opções de lazer para todos os gostos e bolsos. Enquanto a elite se divertia com os sofisticados musicais do *High Life Club,* localizado na Glória, os menos abastados não seriam esquecidos. Para esses, criou o Parque Fluminense, em Laranjeiras, e o Pavilhão Internacional, na avenida Central, atual Rio Branco. No primeiro, era possível desfrutar de um *rink* de patinação e, no segundo, assistir a uma luta ou a outra atração.

Mas o local onde Paschoal ergueu seu im-

pério de diversão foi na Praça Tiradentes, considerado o berço do teatro de revista. Lá ficavam, além da *Maison Moderne*, outros estabelecimentos seus, que reuniam música e dança, comédias leves e exibição de filmes. Segreto também detinha na área o Teatro Carlos Gomes e o arrendamento do Teatro São Pedro, um dos mais antigos da cidade.

Em fins do século XIX o teatro já tinha tradição de ser um lugar de sociabilização e o teatro de revista ocupava lugar de destaque. Ao perceber seus lucros poderiam ser maiores, Paschoal passou a financiar os espetáculos teatrais. Ficou tão conhecido que o famoso ator Procópio Ferreira chegou a referir-se a ele como o "papa do teatro brasileiro". Uma das iniciativas que mais contribuiu para tamanha popularidade foi a fundação da Companhia de Operetas, Mágicas e Revistas do Cine-teatro São José, em 1911. A casa vivia lotada. Resultado da fórmula adotada por ele do teatro por sessões, com duas a três apresentações por dia do mesmo espetáculo, a preços populares. Dessa forma, Paschoal conseguiu popularizar o teatro levando-o as camadas baixas e médias da população.

Embora Paschoal só investisse no espetáculo teatral, muitas vezes opinava no que acreditasse ser mais lucrativo para a empresa. O caso mais interessante se daria com o autor Viriato Correia. Em 1915, era montada a peça *A sertaneja*, de Viriato e Chiquinha Gonzaga. Como a peça era grande para caber nas três sessões, Paschoal pediu para tirar vinte minutos do espetáculo. O autor se negou terminantemente e, apontando para a parede, perguntou ao empresário:

— Que representa aquele quadro Paschoal?

— Uma espanhola, respondeu depois de se voltar para a parede.

— Mas se eu tirar as castanholas, as sandálias, a mantilha, o *saleroso*, o moreno do rosto, fica uma espanhola?

Ele ergue-se subitamente da cadeira:

— Mas não é isso que eu estou pedindo. O que eu quero é que me faças a espanhola mais magra.

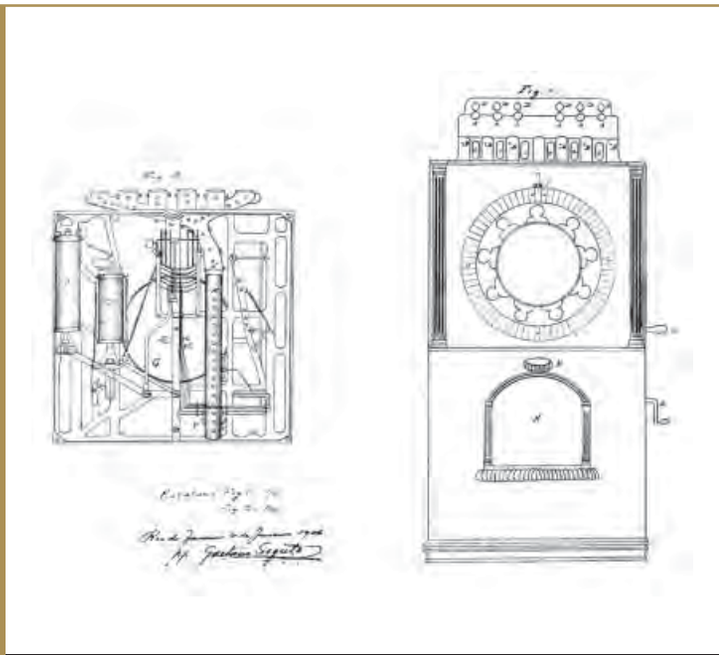
Casos como este alimentavam o folclore em torno do empresário. Paschoal era visto como pessoa que sempre tinha uma resposta rápida para tudo, embora "enrolando um pouco as palavras com o seu sotaque de italiano do sul", como diria a Gazeta de Notícias em sua edição de 20 de janeiro de 1920.

Sendo descrito como um "tipo de italiano meridional, baixo, atarracado, sob um físico vulgar", era unânime a opinião dos jornais de que tinha "uma bela alma simples e bondosa". Os hábitos mais corriqueiros de Paschoal foram objeto de vários relatos, como o fato de não usar relógios. Sempre perguntava as horas nas portas do comércio e, às vezes, quando aparecia com um relógio novo, era para jogá-lo contra a parede no primeiro momento de fúria. Embora estivesse imerso na vida noturna carioca, seu dia-a-dia no mundo teatral, do jogo, da bebida e com as mulheres, mereceu do jornalista Bastos Tigre, na edição de 26 de fevereiro de 1920, no Correio da Manhã, a observação de que ele "não entendia de arte, nem jogava, nem bebia, nem cortejava as damas de vida airada".

Grande parte do sucesso de Segreto no campo do entretenimento deveu-se à rede de relações que soube tecer ao longo da vida. Se no início da carreira teve negócios com Cunha Salles, em 1908 já aparecia em uma foto batizando os filhos de Gaetano ao lado do marechal Hermes da Fonseca.

Paschoal morava em Santa Teresa, no número 3 da rua Correia Sá, local estratégico de onde

Paschoal tinha o hábito de não usar relógios. Perguntava as horas na porta do comércio e, às vezes, quando aparecia com um relógio novo, era para jogá-lo contra a parede no primeiro momento de fúria



Aparelho automático para audição de peças musicais com vistas animadas ou não

conseguia ir rapidamente tanto para os seus negócios nos bairros da zona sul como para o centro da cidade com a mesma eficácia. Foi lá também que faleceu, no dia 22 de fevereiro de 1920, aos 51 anos.

Apesar de ter vivido com a companheira Carmela por cerca de trinta anos, Segreto não se casou oficialmente, nem teve filhos. Dedicou-se ao trabalho e aos vários sobrinhos, especialmente aos nove filhos do irmão Gaetano, que lhe deixara a incumbência de criá-los ao falecer, em 1908. Após a morte de Paschoal, o primo João Segreto ficou à frente dos negócios e tornou-se diretor da consolidada "Empreza Paschoal Segreto". Além disso, passou a tutorar os filhos de Gaetano, assumindo tanto na vida familiar como profissional o papel desempenhado por Paschoal Segreto. Em seu testamento, Paschoal expressava o desejo de que todos os sobrinhos se formassem em alguma faculdade. Por fim, agradecia ao país que o acolhera e pedia que seus despojos ficassem no Brasil, sua segunda pátria.

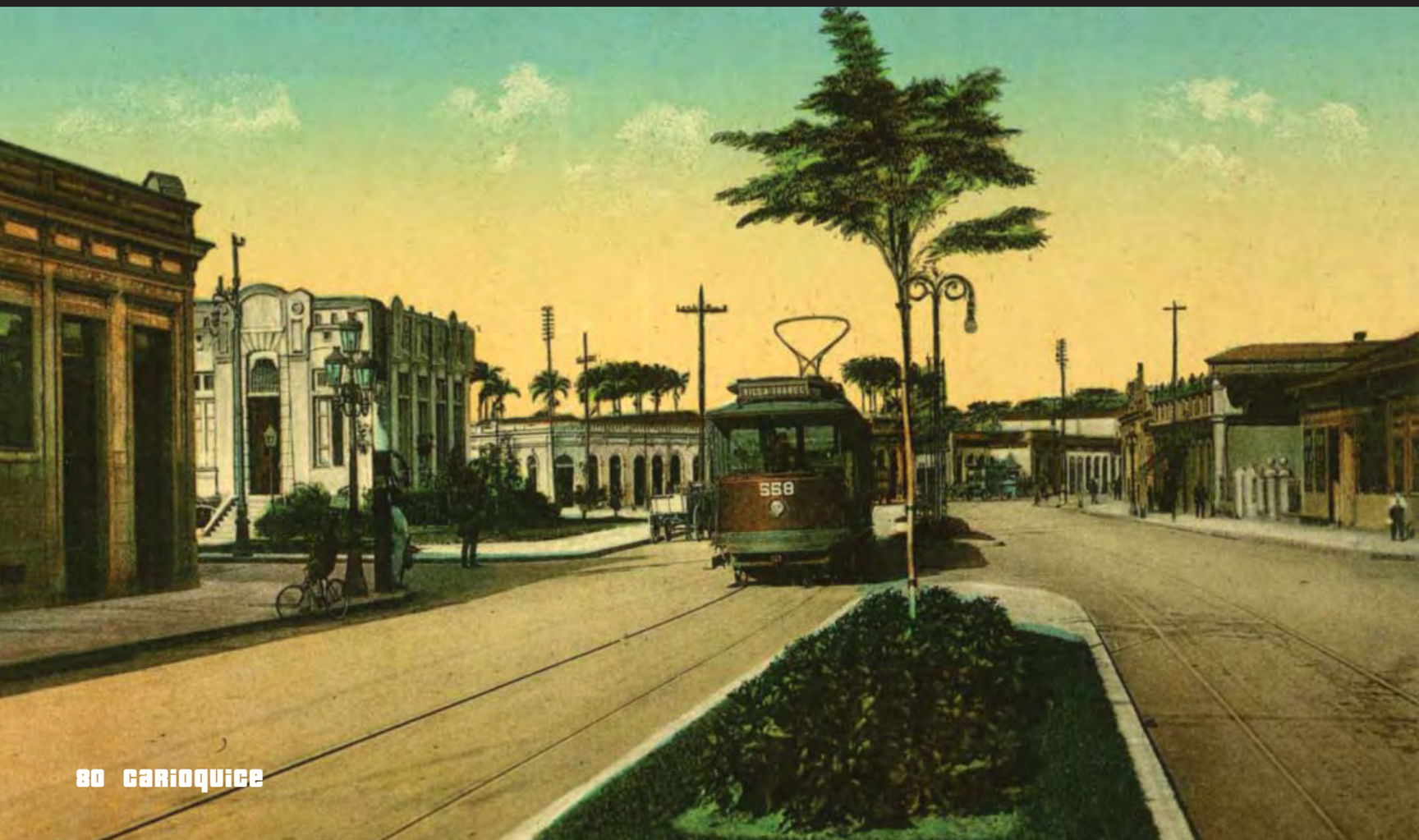
Se no dia 23 de fevereiro de 1920 foi enterrado um pedaço da alegria da cidade é porque Paschoal conseguiu, durante os anos de sua vida, montar várias casas para o entretenimento popular. A idéia que o empresário Segreto explorou foi a de "diversão para todos, para todas as classes, para todas as idades".

Embora o nome dos Segreto tenha ficado durante muito tempo obliterado quando se estudava cultura carioca, a Praça Tiradentes, local onde Paschoal montou a base do seu "império de diversão", não apagou completamente o nome dos irmãos. Ainda hoje, andando pela praça, vê-se o prédio Gaetano Segreto, erguido na década de 1930, na Rua Pedro I, com seu imponente portão de ferro contendo as inicias G.S. Em frente a este edifício, em cima do Teatro Carlos Gomes, no número 4 da mesma rua, ainda mantém-se o prédio que levou o nome de uma das figuras mais conhecidas do mundo da diversão carioca até 1920, Paschoal Segreto.

William Nunes de Souza Martins é historiador.

Petiscos da Vila

A Vila Isabel de Noel é, principalmente, a Vila do Barão de Drummond, que fez nascer um bairro singular na fronteira entre o vilarejo e cosmopolitismo. A historiadora Lili Rose, que lança em setembro o livro "Vila Isabel de Rua em Rua", pela Editora Rio, antecipa para **Carioquice** várias histórias saborosas desse bairro que tem o samba no pé e a boemia na alma.



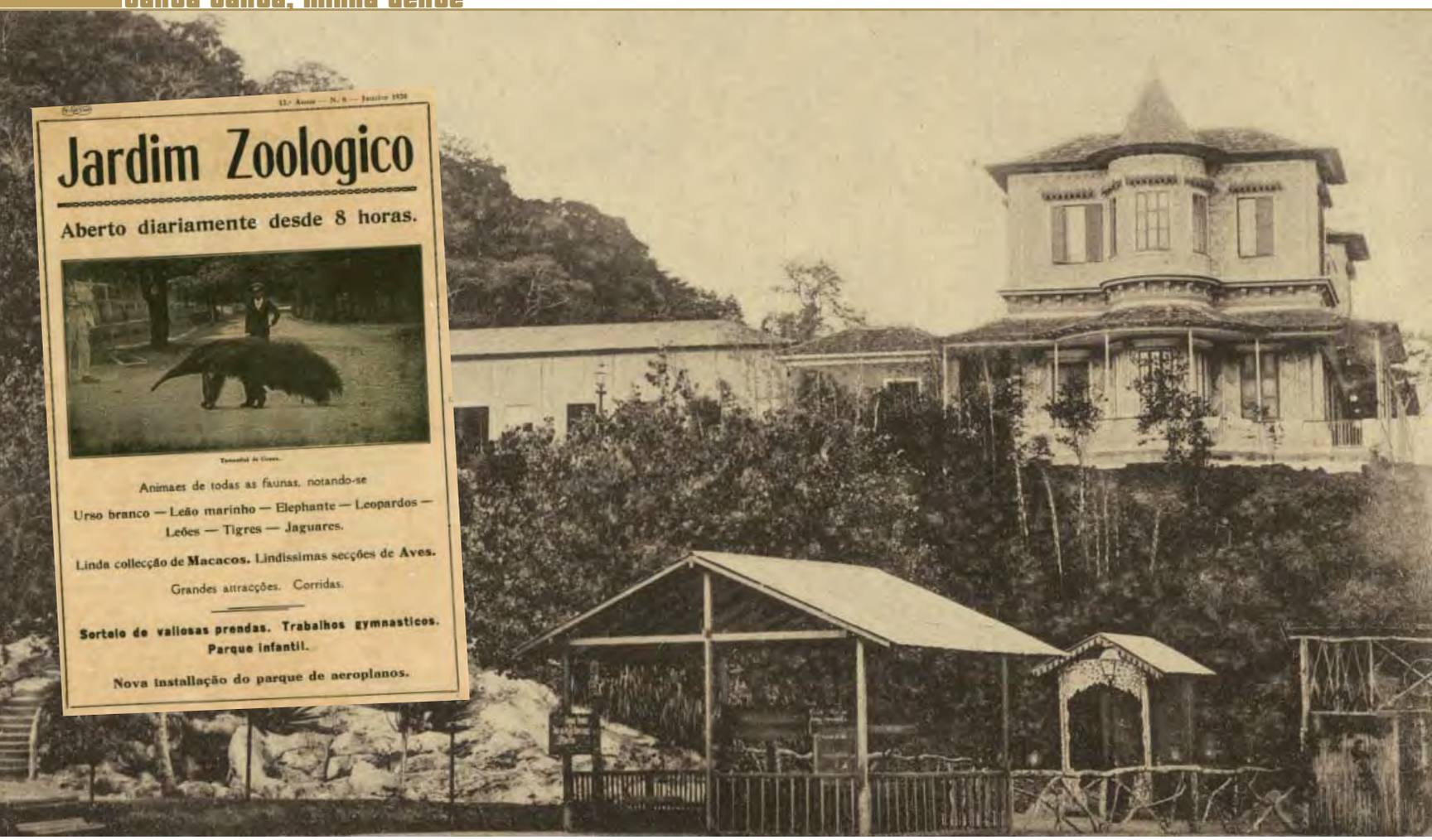
POR LILI ROSE Historiadora e autora do livro "Tijuca de rua em rua"

A fisionomia de Vila Isabel está associada a seu idealizador, João Baptista Vianna Drummond, o Barão de Drummond. Ele a projetou e a construiu para ser o primeiro bairro urbanizado de nosso país.

O barão, nascido em maio de 1825, era negociante hábil e empreendedor; um homem além dos padrões do seu tempo. Passo a passo, seu sonho se tornou realidade ao construir um bairro nos moldes europeus em uma região desabitada. O início de tão importante empreitada se deu em 1871, quando comprou a Fazenda do Macaco da Princesa Imperial Duquesa de Bragança. Em seguida criou a Companhia Arquitetônica, que se tornou a responsável pelo arruamento e pela comercialização de lotes e edificações. Concebeu a principal via do bairro como os boulevards de Paris: retilínea e arborizada. Convicto de seus ideais políticos, homenageou a princesa Isabel dando seu nome à Vila. Nos logradouros imortalizou abolicionistas notáveis e datas importantes desse processo histórico.

Para a ocupação efetiva do novo bairro e para a garantia do sucesso do empreendimento criou, em 1873, a Companhia de Bondes Ferro Carril de Vila Isabel. Doou terrenos para igrejas e escolas, como também construiu o primeiro Jardim Zoológico do nosso país, no qual criou o Jogo do Bicho. Investiu no comércio, no teatro, nas corridas de cavalos, em associações sociais e culturais e em tudo que envolvesse o crescimento de Vila Isabel e de nossa cidade. E lá se vão mais de cem anos.

Curiosamente, na praça principal do bairro,



Jardim Zoólogico nonon ononon ononononon

que leva o nome de Drummond, não há um busto ou placa a evocar sua memória. Existem, sim, homenagens a Noel e à música. Tal ocorre porque se o barão definiu o semblante de Vila Isabel, a alma local é feita de samba ("*quem nasce lá na Vila /nem sequer vacila/ ao abraçar o samba"...).*

O Barão de Drummond faleceu em 19 de agosto de 1897, em sua casa, na rua São Francisco Xavier, um grande solar, onde, mais tarde, seria instalado o Colégio Rabelo (hoje um prédio de apartamentos), em frente ao Colégio Militar.

Jardim zoológico

O Rio de Janeiro há muito desejava um jardim zoológico. Esse empreendimento assentaria como uma luva no novo bairro com aspectos europeus criado por Drummond. Seu projeto, prontamente aprovado pelo governo, foi instalado no Caminho do Goiabal, hoje rua Visconde de Santa Isabel, seguindo os mais modernos padrões de beleza e organização da época, com exemplos da fauna e da flora brasileira e estrangeira.

A inauguração do Jardim Zoológico ocorreu em 5 de janeiro de 1888. Drummond, aproveitando o reconhecimento da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, além de conseguir uma subvenção de dez contos de réis por ano para manutenção do zoológico, obteve isenção de impostos e de direitos aduaneiros para importação de plantas e animais. O Jardim Zoo-

lógico foi mais uma das iniciativas de Drummond em benefício da cidade. Assim, pelos relevantes serviços prestados à sociedade carioca, em 19 de agosto de 1888, foi agraciado com o título de Barão de Drummond pela Princesa Imperial Regente. No entanto, não houve uma Baronesa de Drummond. Sua esposa, Florinda Gomes Pereira, com quem se casara em 1855, havia falecido alguns anos antes.

Na República, a verba para a manutenção do empreendimento foi suspensa e Drummond começou a encontrar dificuldades financeiras para cuidar do Jardim Zoológico. Eram tempos difíceis, mas o barão logo encontraria uma solução para o problema, o Jogo do Bicho. No entanto, a fase de prosperidade com o jogo não duraria muito. O Jardim Zoológico passaria por vários

Acima, o Barão de Drummond. Abaixo, a praça que leva seu nome, no início do século 20

momentos bons e ruis com o Barão de Drummond e, mais tarde, sob a direção de seus descendentes.

A área do zoológico acabaria sendo vendida à prefeitura, conforme escritura lavrada em 24 de outubro de 1949. Alguns anos depois, em 1967, pelo decreto nº 1456, passou a se chamar "Recanto dos Trovadores". Mas o nome nunca *pegou* e até hoje todos conhecem o local como Antigo Jardim Zoológico.

No local hoje está sendo construída uma vila olímpica, que porporcionará à população opções para a prática de esportes e para outras atividades de lazer.

sonhar com mulher dá borboleta?

O Barão de Drummond encaminhou uma petição ao Conselho de Intendência Municipal pedindo permissão para serem instalados alguns tipos de jogos públicos mediante pequena contribuição, uma vez que só assim seria possível manter o zoológico, um local tão querido e importante para a cidade. A petição foi aceita e, em 13 de outubro de 1890, foi assinado o termo aditivo ao contrato de criação do Jardim Zoológico. Nascia, oficialmente, o Jogo do Bicho no Brasil.

O funcionamento era bem simples. Cada freqüentador do zoológico ganhava, ao comprar o seu ingresso, um bilhete numerado e estampado, correspondente a um dos vinte e cinco animais, como relatou o memorialista Luiz Edmundo: "no guichê do portão, um cavalheiro, acompanhado de sua mulher e três filhos, entregou ao bilheteiro uma nota de cinco mil réis, pedindo: — Um porco, uma vaca, um macaco, um camelo e um cachorro".

O sorteio concedia ao ganhador um prêmio vinte vezes maior do que o valor pago pelo ingresso. Como ele custava mil réis, o ganhador recebia vinte mil réis. O jogo virou uma febre em todas as camadas sociais.

do derby ao match

Em 1884, um grupo de amigos (o médico José Maria Pacheco, seu irmão, Francisco Moreira Pacheco, Joaquim Antônio Pereira Gonçalves e Francisco Raposo) surgiu com a idéia de construir uma pista de corridas de cavalos num terreno amplo, situado em frente ao Jardim Zoológico, que pertencia à Companhia Arquitetônica de Vila Isabel. A área era utilizada para a pastagem dos animais da Companhia Ferro-

O primeiro jogo noturno da América do Sul foi realizado no dia 5 de setembro de 1914, no campo do antigo Jardim Zoológico. As feras do Vila Isabel Futebol Clube jogaram contra o Campista. O campo foi iluminado com doze lâmpadas de três mil velas. O time da casa ganhou por 4 a 0.

Carril Vila Isabel. Mesmo sem acreditar muito no sucesso do empreendimento, Drummond fez parte dele. As emoções fortes não estavam, entretanto, circunscritas aos prados da Vila, pois outra forma de lazer com presença marcante no bairro foi o futebol. Coisa do passado, prezados leitores. Clubes já extintos, mas não esquecidos. Times que participaram de vários campeonatos na cidade e fora dela. Tempo em que o linguajar esportivo era todo no idioma inglês: *sport, club, foot-ball. scratch, team, match, referee e captain.* Episódios que deixaram para sempre sua marca na história. Como, por exemplo, o primeiro jogo noturno da América do Sul, realizado no dia 5 de setembro de 1914 no campo do antigo Jardim Zoológico. As feras (assim os jogadores eram chamados) do Vila Isabel Futebol Clube jogaram contra o Campista, na presença de autoridades como o embaixador Álvaro de Teffé, representando o presidente Hermes da Fonseca, o prefeito Rivadávia da Cunha Corrêa, o senador Nilo Peçanha, além de um grande número de jornalistas. O campo foi iluminado, pasmem, com doze lâmpadas de três mil velas. O time da casa ganhou por 4 a 0.

Algumas ruas de Vila Isabel

João Batista Vianna Drummond, o barão, ainda na fase do projeto urbanístico de Vila Isabel e antes, portanto, da construção de qualquer residência, reverenciou algumas personalidades que se destacaram no movimento abolicionista nos logradouros do novo bairro, assim como datas importantes desse processo histórico.

O barão, por exemplo, designou o Boulevard como "28 de Setembro" em alusão à data da promulgação da Lei do Ventre Livre. Aliás, essa é também a data da Lei do Sexagenário. Essa coincidência é mais um exemplo da profunda associação, nos seus primórdios, do bairro de Vila Isabel com o abolicionismo e, mais tarde, com todas as causas da cultura negra.

No século XVIII, o futuro boulevard era uma picada que conduzia caçadores aos macacos que viviam nas encostas florestadas da serra do Engenho Novo. Tais desbravadores referiam-se a ela como Caminho dos Macacos. Seu traçado tinha início no Caminho do São Francisco Xavier e chegava à encosta do morro onde hoje se encontra o Caminho do Cabuçu (hoje rua Barão do Bom Retiro), através do Caminho do Goiabal (atual Visconde de Santa Isabel).

Em 1859, uma mudança significativa: deixou sua modesta condição de caminho para se chamar rua do Macaco. Nessa época Jorge Rudge e a Duquesa de Bragança, dentre outros, já possuíam propriedades nesse logradouro de beleza natural invulgar.

O empreendimento imobiliário liderado por Drummond que teve início em 1871 e no ano seguinte, a Fazenda do Macaco, transformou-se no bairro de Vila Isabel. A rua do Macaco acompanhou o ritmo acelerado da evolução urbana, convertendo-se numa larga avenida ajardinada no centro, bem no estilo francês. Desse modo, o Boulevard 28 de Setembro, pelo seu traçado moderno e elegante, sempre florido, fazia de Vila Isabel o mais bonito bairro do Rio de Janeiro. A limpeza das chácaras, as ruas com flores e a grande variedade de árvores frutíferas tornavam o local agradável e muito desenvolvido. Tal ambiente atraiu moradores ilustres como o conselheiro Costa Pereira, o Visconde de Ouro Preto e o engenheiro Gama Lobo (todos homenageados com nomes de ruas no bairro).

Rua Souza Franco

Bernardo de Souza Franco foi abolicionista e defensor das causas liberais. Foi nomeado, em 1864, pelo imperador D. Pedro II, seu grande amigo, para exercer o cargo de presidente da Província do Rio de Janeiro. Também foi amigo pessoal do Barão de Drummond. Apesar de morar em Botafogo, seu nome foi escolhido para uma rua de Vila Isabel.

Souza Franco nasceu em 1805 na província do Pará. Ainda jovem, em 1821, foi preso e deportado para Lisboa, por participar dos movimentos políticos imediatamente anteriores à Independência do Brasil. Seu retorno ao país ocorreu em fevereiro de 1824.. Bacharelou-se em Direito, no ano seguinte, pela Faculdade de Olinda. Foi magistrado, parlamentar e ministro de estado. Como titular da Fazenda, em 1857, sofreu forte oposição por parte de Sales Torres Homem, na Câmara, que acabou por se tornar seu substituto no ministério. No Senado foi contestado pelo Visconde de Itaboraí. Souza Franco foi agraciado com o titulo de Visconde, em 1872, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 1875.

Rua Teodoro da Silva

Teodoro Machado Freire Pereira da Silva nasceu em Recife, em 1832, vindo a falecer no Rio, em 1910. Concluiu seus estudos na Faculdade de Direito de Olinda, em 1852. Foi magistrado e político em Pernambuco até 1861. Transferiu-se, em 1862, para o Rio de Janeiro, onde exerceu o cargo de chefe de polícia (o qual ocupou novamente em 1867). Foi designado ministro da Agricultura, em 1871, no gabinete do Visconde do Rio Branco. Teodoro da Silva apresentou ao Parlamento a proposta da Lei do Ventre Livre, que foi assinada por ele e pela Princesa Isabel. No ministério assinou ainda vários decretos importantes, tais como os que se referem à concessão da Estrada de Ferro Leopoldina e ao prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Rua Maxwell

De acordo com o Colégio Brasileiro de Genealogia, Joseph Maxwell nasceu em Gibraltar, em 1772, vindo a falecer na Inglaterra, em 1854. Era filho do inglês Manoel Maxwell e da portuguesa Catarina Maria. Veio para o Rio de Janeiro em 1809, aqui vivendo 42 anos. Tornou-se grande proprietário de terras e homem de negócios. Foi amigo pessoal do imperador D. Pedro II. Provavelmente, a convivência todos esses anos em nossa cidade fez com que o inglês Joseph mudasse seu nome para José Maxwell. Casou-se em 1811, na Capela da Praia Vermelha, com Maria Rosa de Souza. Uma de suas filhas desposou o inglês George Rudge e a outra filha, John Rudge. Além disso, uma de suas netas casou-se com Gonzaga Bastos. Todos herdaram terras em Vila Isabel e nelas abriram ruas.

A chácara de José Maxwell tinha entrada pela São Francisco Xavier. Suas terras se aproximavam, por um lado, da Fazenda do Macaco e, pelo outro, da estrada da Babilônia (possivelmente também da estrada do Andaraí Grande, no seu traçado original). Parte de sua casa se integrava à fábrica Confiança. Na casa de seu genro, John Rudge, situada no Boulevard 28 de Setembro, se instalaria o Instituto João Alfredo.

O sol nas telas de cinema

Corte para o fim dos anos 60. Close nas bancas de revista. Fotos no jornal: festivais de música, passeatas estudantis, uma geração caminhando contra o vento. Nasce o jornal-escola O Sol, experiência única na imprensa brasileira. Quem não viu e viveu terá menos a lastimar. A história de O Sol e dessa geração são o mote do novo filme de Tetê Moraes que será lançado em outubro, no Festival do Rio.

Tetê Moraes com Caetano Veloso, durante as gravações do documentário

Depois de dois bem-sucedidos longa-metragens sobre os sem terra e a reforma agrária, "Terra para Rose" e "Sonho de Rose- 10 anos depois", a cineasta Tetê Moraes aponta sua lente para falar da geração de 1967/68 e do emblemático jornal O Sol, do qual foi uma das alunas. "Quis fazer alguma coisa mais próxima a minha experiência pessoal, por isso escolhi esse tema. E junto com Martha Alencar, que foi nossa editora em O Sol, realizamos o documentário".

O Sol foi idealizado pelo jornalista, poeta e artista plástico Reynaldo Jardim, com uma equi-

O Sol foi idealizado pelo jornalista, poeta e artista plástico Reynaldo Jardim, com uma equipe de editores-professores como Zuenir Ventura, Anna Arruda Callado, Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux e colaboradores do porte de Ziraldo e Nélson Rodrigues

Reynaldo Jardim, idealizador do jornal

pe de editores-professores como Zuenir Ventura, Anna Arruda Callado, Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux e colaboradores do porte de Ziraldo e Nélson Rodrigues. Jardim viu a necessidade de um jornal-escola, pois as escolas de jornalismo não faziam o fundamental, ensinar a prática. Tetê conta que ele costumava dizer "o sol nasce para todos e um jornal tem que nascer para todos".

Ana Arruda, na época editora-chefe, dá a dimensão exata do que foi O Sol. "Sem dúvida, foi o melhor trabalho da minha vida. Foi a mais bonita e bem-sucedida experiência que tive". Mesmo tendo durado apenas oito meses, ela afirma que jornalismo só se aprende na prática e orientado por pessoas com experiência. O resultado foi a formação de bons profissionais, na imprensa ou não. Portanto, uma experiência bem sucedida. "Tive a felicidade de trabalhar com essa pessoa brilhante que era o Otto Maria Carpeaux, além de Reynaldo Jardim, com seu talento incrível".

Carioca de nascimento e personalidade, o Sol se tornou um ícone da juventude em todo o país, e acabou ganhando até uma edição mineira. O periódico que começou a ser gestado no início de 1967, aflorou em 21 de setembro do mesmo ano, junto com a primavera. Ele começou encartado no Jornal dos Sports, empresa que o patrocinava. No final, depois do grande sucesso, passou a ter vida própria. Na época o JS pertencia à família Rodrigues e Nélson se tornou colaborador. Não sem oposição, conta Tetê Moraes: "ele insistia em fazer parte do jornal, mas as pessoas alegavam que ele tinha um perfil conservador, politicamente, não de costumes, mas como a empresa era da família, como contestar? Ele teve uma coluna onde publicou as 'Histórias Infantis' e, sem dúvida, foi uma grande contribuição".

Poucos sabem que Henfil foi lançado no mercado carioca pelo Sol. Na época, ele vivia em Belo Horizonte já fazendo charges. A solução para trazê-lo foi oferecer-lhe que trabalhasse no Sol de Minas e do Rio, além do suplemento Cartoon do Jornal dos Sports. Ziraldo também foi colaborador do jornal e para ele criou "Jeremias, o Bom". Segundo contam,

o personagem teria sido inspirado em Reynaldo Jardim.

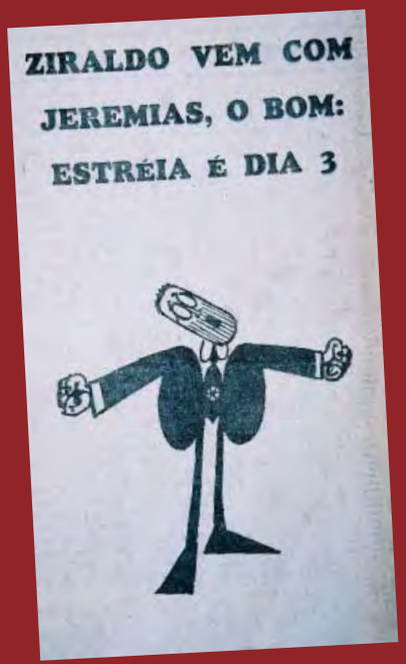
As novidades em O Sol foram muitas, até Chico Buarque esteve por lá como cartunista. Foi um só *cartoon*, é verdade. Como ele mesmo já disse "começou e acabou a carreira ali mesmo".

Caetano Veloso também teve uma ligação com o jornal. Sua mulher na época, Dedé Gadelha, era uma das repórteres-alunas e a música "Alegria, Alegria" fala do Sol nas bancas de revista.

Do ponto de vista jornalístico, O Sol inovou ao dar fim à técnica americana do *lead*, *sub-lead*. "O jornal arejou e criou um estilo brasileiro. E muito do que se vê hoje, em jornais e revistas, são criações do Sol", conta Ana Arruda.

A generosidade, a boa convivência também faziam parte dessa escola, como descreve Ana Arruda. "Claro que tinha também o desbunde, mas eu procurava segurar. Um dia a meninada da editoria de Artes & Espetáculos, da Martha Alencar, parodiando 'Alegria, Alegria', começou a cantar quando eu cheguei 'Deus nos acuda/

Primeira e única charge de Chico Buarque



Lá vem a Ana Arruda...'. Achei muito engraçado, mas não demonstrei e dei uma bronca. Era esse o clima, mas com muita seriedade no trabalho. Íamos a fundo nas notícias. Em resumo, foi uma boa aventura juvenil, embora eu já não fosse tão jovem".

A participação de nomes consagrados como Carlos Heitor Cony, como editor de polícia e Zuenir Ventura, foi fundamental. "O Cony nos proporcionou uma saudável experimentação de linguagem e o Zuenir, como consultor, foi a pedra de toque para a qualidade dos textos", explica Ana.

"O Sol caminhando contra o vento" que agora ganha as telas fala daqueles que o fizeram e daqueles que foram notícia em suas páginas. "É um recorte sobre nossa geração de 1968, de um período muito dinâmico e vivo, quando se manifestava uma reação saudável ao momento político", explica Tetê.

Com a mudança política, O Sol não tinha mais como existir. Para ter uma idéia da irreverência com que era conduzido, numa das primeiras visitas do FMI ao Brasil, a manchete estampada em letras garrafais era "FMI É O FIM".

Depois do fechamento de O Sol, boa parte do grupo que o formou criou O Poder Jovem, um jornal feito em sistema de cooperativa que era vendido na praia, nos bares. "Claro que não durou muito", diz Tetê. Mas ainda houve um outro desdobramento, o grupo foi abrigado por Fernando Barbosa Lima na extinta TV Continental e lá montou dois noticiários, O Poder Jovem, no horário vespertino, e Blow Up, no horário nobre. "Eram dois telejornais loucos, com todo mundo fantasiado, dando inveja no Chacrinha. Mas tratávamos de todo o tipo de notícias", conta Tetê.

Depois de quase um ano entre filmagens, montagem e busca de patrocinadores (Telemar, Eletrobrás, BNDES, Ancine e Riofilme), os espectadores poderão ver essas e algumas outras histórias que falam desse tempo, onde os jovens caminhavam contra o vento.

Carioquice é um estado de espírito

Maria Silvia Bastos Marques
Consultora

Nasci quase capixaba: na cidade de Bom Jesus de Itabapoana, divisa com o Espírito Santo. Mas sempre tive uma verdadeira fascinação pelo Rio, onde passei a morar aos 16 anos de idade.

Em 1997, recebi da Câmara dos Vereadores do Rio a medalha Pedro Ernesto e o título de cidadã honorária da cidade por iniciativa do então vereador Eduardo Paes. É a honraria da qual eu mais me orgulho.

O Rio é deslumbrante. É uma cidade cosmopolita, difícil de ser comparada com outras grandes cidades do mundo. É uma combinação ímpar: um lugar carismático que abriga pessoas com carisma.

Eu gosto justamente desta informalidade do carioca, evidenciada no encontro de amigos na rua que se reúnem para um despretensioso batepapo. A conversa até pode tratar de grandes temas nacionais, mas o estilo é solto e alegre, o que transforma o bairro em uma pequena comunidade. Isso facilita a troca de idéias e impressões de pessoas de diferentes cidades. No fundo, são cariocas por adoção. Afinal, ser carioca é um estado de espírito, não está necessariamente ligado ao fato de se ter nascido nesta cidade especial.

E a informalidade também se reflete na criatividade. O Rio tem um lado artístico aguçado, que dá ótimos frutos em cinema, publicidade, música. Eu poderia citar inúmeras instituições e entidades que já viraram verdadeiros cartões postais da cultura nacional.

Não me canso de ficar impressionada com a beleza da cidade. Adoro chegar no aeroporto Santos Dumont ver o mar e sentir o cheiro da maresia. Essas percepções ajudam até a minimizar o *stress* provocado pelo engarrafamento na praia de Copacabana, na hora do *rush*.

Gosto da cultura de atividades ao ar livre que o Rio cultiva. Essa possibilidade de lazer gratuito não é elitista. É possível ver, nos fins de semana, artistas, empresários de sucesso e pessoas comuns caminhando lado a lado nas praias e na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Eu adoro praia, mas meu canto na cidade preferido é mesmo a Lagoa. Vou correndo até a Curva do Calombo e de lá avisto o sol, atrás do Morro Dois Irmãos. Admirar o pôr-do-sol na Lagoa é ter a certeza de que Deus existe.

OMPANHIA VALE DO RIO DOCE.
MA EMPRESA QUE MOSTRA O AMINHO DAS PEDRAS PARA O BRASIL.

ale o caminho das pedras é também o caminho da exportação, da geração de empregos e de investimentos. As atividades da Companhia Vale do Rio Doce criam dades de desenvolvimento em mais de 450 comunidades de 14 estados brasileiros. É a empresa privada que mais contribui para o saldo da balança comercial, mais de 32.000 empregos diretos no país. A Vale está entre as quatro maiores empresas da indústria de mineração e metais do mundo, com atuação em cinco tes abastecendo o mercado com produtos que dão origem a uma infinidade de objetos presentes no dia-a-dia de milhões de pessoas. A Vale é a maior operadora cos de logística do Brasil e a maior produtora de minério de ferro e pelotas. É também uma das principais produtoras de manganês, ferroligas, bauxita, alumina, , potássio, caulim e cobre, o que faz dela uma empresa de mineração diversificada e global.

cvrd.com.br

Companhia
Vale do Rio Doce

FischerAmérica
A ROTINA DETONA
O RELACIONAMENTO. ESTA
FALANDO DE VOCÊ E D
SUA CERVEJA DE SEMPI
NOVA SCHIN
BEBA COM MODERAÇÃO.
WWW.NOVASCHIN
PENSOU NOVO, NOVA SCHI